

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE PSICOLOGIA

LAÍSE PORTELA DE ALMEIDA

**AS INFLUÊNCIAS DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS NA PERCEPÇÃO DA
CORPOREIDADE**

São Luís, MA

2020

LAÍSE PORTELA DE ALMEIDA

**AS INFLUÊNCIAS DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS NA PERCEPÇÃO DA
CORPOREIDADE**

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da
Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como
requisito para obtenção do grau de Bacharel em
Psicologia com Formação de Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Graco Silva Macedocouto.

São Luís, MA

2020

Portela de Almeida, Laíse.

A Influências das Redes Sociais Digitais na Percepção da Corporeidade / Laíse Portela de Almeida. - 2020. 68 f.

Orientador(a): Graco Silva Macedocouto.
Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luis, Ma, 2020.

1. Consumo. 2. Corpo. 3. Fenomenologia. 4. Internet. 5. Objetificação. I. Silva Macedocouto, Graco. II. Título.

LAÍSE PORTELA DE ALMEIDA

**AS INFLUÊNCIAS DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS NA PERCEPÇÃO DA
CORPOREIDADE**

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Psicologia com formação de Psicólogo.

Aprovada em ___ de _____ de 2020

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Graco Silva Macedocouto
Universidade CEUMA
(Orientador)

Prof. Dr^a. Cristiane Almeida Carvalho
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Plínio Santos Fontenelle
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Jadir Machado Lessa
(suplente)
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, Raimunda e Luiz, que sempre investiram na minha educação, e nunca mediram esforços para isso. Sempre me mostrando a importância de se ter conhecimento, e apostando na minha capacidade de alcançá-lo.

As minhas irmãs, Isabelle e Lenise, que dividiram inúmeras experiências acadêmicas comigo, e me inspiram a cada dia por serem pessoas esforçadas, estudiosas, e que crescem a cada dia na vida profissional delas.

Aos meus amigos da UFMA, Alberto, Adriana, Camila, Loyane, Pedro, Renata, Thaís e Valentina, que me apoiaram durante toda a minha jornada acadêmica, e até mesmo na minha vida pessoal. Obrigada por todo carinho e trocas afetivas, que fizeram os meus dias serem mais leves durante a graduação.

Ao meu orientador, Graco, que sempre teve muita paciência durante a correção do meu trabalho, e nunca me desamparou diante de qualquer dúvida. Além de ter me motivado a buscar maiores conhecimentos sobre a fenomenologia existencial.

RESUMO

Os estudos da Psicologia foram fundamentais para enriquecer as discussões do seguinte trabalho, uma vez que, o uso das redes sociais digitais é um grande influenciador da subjetividade de seus usuários. Sendo assim, a pesquisa tem como objetivo, compreender de que forma as redes sociais digitais influenciam na percepção que seus usuários têm do próprio corpo, e de como essa visão chega à eles através dessas redes. A contemporaneidade trouxe consigo uma nova forma de enxergar o corpo, que se baseia no consumo, e na sua objetificação, portanto, a percepção de si fica atrelada à essas questões. E as redes sociais digitais - cada vez mais acessíveis para um grande público - são meios de informação que propagam essa ideologia, fortalecendo as premissas do sistema capitalista no imaginário social. Não somente a percepção, mas também as relações interpessoais, sofreram grandes alterações com o advento das redes sociais. É visto que, a sociedade passa a dar um grande valor a imagem que o sujeito passa no meio digital, sendo essa imagem capaz de colocá-lo em posições culturalmente conhecidas como privilegiadas, logo, a busca por uma imagem que esteja dentro dos padrões sociais se tornou algo presente na contemporaneidade. Diante do seguinte cenário, para se chegar a compreensão do conceito de percepção e corporeidade utilizados nessa pesquisa, a visão do filósofo francês, Merleau-Ponty, em sua obra *Fenomenologia da Percepção*, foi fundamental. A partir da fenomenologia existencial, ele elucida a forma do sujeito estar no mundo, da sua relação consigo e com os outros. O filósofo destaca as significações originárias como um caminho que se destina à compreensão humana, que estão pautadas nesses conceitos, tendo a percepção trabalhando em função da subjetividade humana - do ser que percebe - sem que este tenha que acolher visões preexistentes. Assim, o corpo trabalha junto com a percepção, sendo um veículo desse ser no mundo. O atual contexto sociocultural, coloca o sujeito diante dessa visão de corpo objetificado, logo, como aquele que pode ser moldado de acordo com os padrões socialmente estabelecidos, colocando a estética corporal, acima do seu bem-estar, e o sentimento de culpa quando não consegue alcançar esse modelo de corpo padronizado. Esse fenômeno vem produzindo um certo adoecimento dos usuários das redes sociais digitais, uma vez que, alguns chegam a se sentir extremamente frustrados com essa busca frenética pela imagem que se enquadra nos padrões de beleza, mas que ao mesmo tempo, pode ser inalcançável.

Palavras-chave: Objetificação; Consumo; Corpo; Fenomenologia; Internet.

ABSTRACT

Psychology studies were fundamental to enrich the discussions of the following work, since the use of digital social networks is a major influence on the subjectivity of its users. Therefore, the research aims to understand how digital social networks influence their users' perception of their own bodies, and how this vision reaches them through these networks. Contemporaneity has brought with it a new way of seeing the body, which is based on expenditure, and its objectification, therefore, the perception of oneself is linked to these issues. And digital social networks - increasingly accessible to a large public - are means of information that propagate this ideology, strengthening the premises of the capitalist system in the social imagination. Not only perception, but also interpersonal relationships, have undergone major changes with the advent of social networks. It is seen that, the society starts to give a great value to the image that the subject passes in the digital environment, being this image capable of placing him in culturally known as privileged positions, therefore, the search for an image that is within the social standards it has become something present in contemporary times. In view of the following scenario, in order to understand the concept of perception and corporeality used in this research, the view of the French philosopher, Merleau-Ponty, in his work *Phenomenology of Perception*, was fundamental. From the existential phenomenology, it elucidates the subject's way of being in the world, of his relationship with himself and with others. The philosopher highlights the original meanings as a path that is intended for human understanding, which are based on these concepts, having perception working in function of human subjectivity - of the perceiving being - without it having to accept pre-existing visions. Thus, the body works together with perception, being a vehicle for this being in the world. The current socio-cultural context, places the subject in front of this objectified body view, therefore, as one that can be shaped according to socially established standards, placing body aesthetics, above his well-being, and the feeling of guilt when not manages to achieve this standardized body model. This phenomenon has been producing a certain illness among users of digital social networks, since, some even feel extremely frustrated with this frantic search for the image that fits the standards of beauty, but that, at the same time, can be unattainable.

Key words: Objectification; Expenditure; Body; Phenomenology; Internet.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 INTERNET E REDES SOCIAIS DIGITAIS	14
2.1 Da internet às redes sociais digitais.....	14
2.2 Relações interpessoais: Um olhar de si mesmo a partir do outro	17
2.3 A visão do corpo no contexto das redes sociais digitais	21
3 A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO E AS SUAS IMPLICAÇÕES NA PERCEPÇÃO E CORPOREIDADE DE MERLEAU-PONTY	26
3.1 Gênese da fenomenologia.....	26
3.2 Método fenomenológico	28
3.3 A fenomenologia pela ótica de Merleau-ponty	30
3.4 Fenomenologia da percepção	33
3.5 A intencionalidade como impulsora do sujeito no mundo.....	35
3.6 A motricidade do corpo próprio para Merleau-Ponty.....	36
3.7 Noção de esquema corporal.....	39
3.8 O corpo como ser sexuado	41
3.9 O corpo como expressão e fala	44
4 CORPO, INTERNET E CONTEMPORANEIDADE	48
4.1 Noção de corpo na atualidade	48
4.2 A internet e sua colaboração na difusão dos ideais de corpo perfeito nas redes sociais digitais.....	52
4.3 O impacto das redes sociais digitais na imagem que o sujeito tem de si, e suas consequências.....	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

Na maior parte do tempo, me vejo imersa nas redes sociais digitais, que são ferramentas que tomam bastante tempo do meu dia e que, mesmo estando ciente disso, não deixo de utilizá-las. Diante do uso frequente dessas redes, pude perceber que certas escolhas e decisões que eu tomava se embasavam em postagens que eu tinha visto, em uma propaganda feita por alguém que eu acompanho o perfil, ou até mesmo por anúncios que apareciam de repente, quando eu estava olhando a linha do tempo da rede social de outra pessoa. Depois de perceber isso, comecei a refletir sobre quais outras influências essas redes tinham sobre mim e também das pessoas que me cercam, e pude ver que a percepção do próprio corpo foi uma das que mais me impressionou.

Passei muito tempo me comparando com perfis nos quais as mulheres tinham muitos seguidores e eram frequentemente elogiadas e aclamadas pela aparência que tinham, logo, sentia muita vontade de um dia alcançar aquele patamar de ter um corpo dentro do padrão que a sociedade define como bonito, e assim, também ter uma posição de destaque, ser benquista, entre outros benefícios que eu acreditava que viriam se eu tivesse um corpo parecido com aquele. No entanto, o que me chamou mais atenção ainda foi ver que não era somente eu que pensava dessa forma, mas também várias outras pessoas que me cercam – na sua maioria, mulheres-, que falavam cada vez mais em fazer mudanças na estética do corpo e sobre a sua insatisfação com a própria aparência.

Diante desse cenário de um uso exacerbado das redes sociais digitais e uma autocrítica acentuada em relação a aparência do corpo, resolvi me aprofundar nesse tema, visto que pude notar a existência de uma forte relação entre eles. A pesquisa é construída no modelo bibliográfico, “a atividade básica na pesquisa bibliográfica é a investigação em material teórico sobre o assunto de interesse.” (ALYRIO, 2009, p. 01), de base qualitativa, na qual, foram feitas observações extraídas de livros, sites, documentários, pesquisas, artigos e revistas eletrônicas, procurando estabelecer uma compreensão do fenômeno estudado. Tudo isso feito em diálogo com uma perspectiva fenomenológico-existencial, apresentada na obra de Merleau-Ponty: *Fenomenologia da Percepção (1945/1999)*, para discorrer acerca dos conceitos de percepção e corporeidade, estes que estão presentes na maior parte do texto, por serem fundamentais no que se refere a forma em que o sujeito se coloca no mundo. E assim, relacionei esses conceitos com o imaginário social da contemporaneidade.

Assim, o seguinte trabalho busca um aprofundamento desses conceitos fazendo uma relação deles com o uso das redes sociais digitais, e transformações que ocorreram ligadas as formas de enxergar o corpo, que hoje se pautam numa sociedade de consumo, na qual o corpo também é colocado na posição de objeto, que se insere nessa dinâmica comercial. E utiliza as redes sociais como mecanismo de promover produtos que podem ser vendidos a partir do uso de imagens do corpo, movimentando ainda mais o consumo, uma vez que, estas redes têm sido um dos meios mais utilizados para favorecer o consumo, pois de acordo com Bauman (2008), o fato de as lojas da internet permanecerem abertas em tempo integral faz com que o sentimento de desejo e satisfação em estar consumindo dure mais tempo e, por outro lado, faz com que preocupações futuras demorem mais a serem percebidas.

As redes sociais ocupam um espaço considerável na vida dos sujeitos da contemporaneidade, portanto, é necessário que esse uso seja feito de formas saudáveis, que não acarretem danos emocionais, e impactos negativos na forma como a pessoa se vê no mundo. Segundo Paula Sibilia (2016), no uso dessas redes, está presente uma busca pela afirmação da personalidade, destacando que *ser é estar visível*, incluindo a possibilidade de deixar com que o outro possa comentar e criticar as postagens feitas, dando impressão de que o que não é exposto nas mídias, *não é* ou *não existe* por não ser visto e avaliado pela opinião de várias pessoas, transformando as redes sociais em um verdadeiro “termômetro” social de como se está sendo visto pelos outros.

O principal objetivo desse trabalho é compreender como se dá a relação entre o uso das redes sociais, com a percepção do sujeito a respeito da sua corporeidade, logo, no primeiro capítulo, foi abordado o surgimento das redes sociais digitais, de como, a partir da internet, essas redes foram surgindo e ganhando o espaço que possuem no século XXI, até chegar no patamar que estão hoje, de grande influência sobre os sujeitos que as utilizam, chegando a criar impactos na forma que o sujeito percebe a si e aos outros. No entanto, para se chegar a esse objetivo, foi importante que outras metas fossem colocadas em pautas, como a de verificar como se constrói a visão de corporeidade na contemporaneidade.

Assim, ainda no primeiro capítulo é destacado a visão de como o corpo vem sendo construído no imaginário das pessoas, de como cada cultura e civilização, vai dar significados diferentes à ele. Dessa forma, a visão de corpo, dentro das redes sociais digitais é destacada por essas ferramentas fazerem parte da construção de subjetividade contemporânea, e assim, essa pauta é discutida levando em consideração as relações interpessoais que se desenvolvem ou se

mantém, dentro e fora desse contexto, e de como elas possuem um peso significativo na construção da autoestima do sujeito, que busca aceitação daqueles que o cercam.

Outro objetivo fundamental desse trabalho foi entender de que forma chega no sujeito, através das redes sociais, a percepção que ele tem do seu próprio corpo. E para entrar no contexto das redes sociais digitais, é de extrema relevância que se compreenda o fenômeno da percepção e da corporeidade. Dessa forma, o segundo capítulo é destinado a discutir a relação que existe entre percepção e corpo. Buscando clarificar inicialmente os conceitos de *percepção* e *corporeidade*, a obra de Merleau-Ponty, *Fenomenologia da Percepção* (1945/1999), traz considerações que apontam a relação existente entre eles.

O corpo é responsável pela percepção do sujeito, uma vez que, é através dele que será possível se lançar no mundo, fazendo apreensão dos sentidos, inaugurando a existência e a presença do ser no mundo, portanto, ele é visto como campo criador dos sentidos e a percepção é um acontecimento da corporeidade. E como aponta Merleau-Ponty (1945/1999), a apreensão das significações se faz pelo corpo: aprender a ver as coisas é adquirir um certo estilo de visão, um novo uso do corpo próprio, é enriquecer e reorganizar o esquema corporal. E essa apreensão é feita pelos sentidos que fazem parte da percepção.

Fazendo uma análise dos conceitos de percepção e corporeidade com o uso das redes sociais, o que se pode ver é o quanto a visão do outro sobre o corpo do sujeito em si é significativa, a percepção que ele tem, será fundamento para a percepção que um outro terá de si mesmo. Nesse sentido, Hall (2011) fala sobre a formação da identidade do próprio sujeito que será nutrido por esse “achismo” do que o outro pensa sobre ele, e assim, destaca que “A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza, que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais imaginamos ser vistos por outros.” (p.39). Portanto, quando se coloca nas redes sociais uma imagem idealizada de si mesmo, existe por trás dessa atitude uma necessidade de aproximar-se do seu Eu idealizado a partir da visão que o outro tem sobre ele, já que a visão dele é importante para a construção da sua própria identidade.

Nas redes sociais, os indivíduos costumam mostrar os seus melhores momentos, melhores viagens e festas. Frisando na maior parte do tempo nas imagens que transparecem vivências positivas pra quem está do outro lado da tela. Logo, o sujeito observa nessas plataformas digitais apenas o lado que é – supostamente - bom da vida daqueles que ele decide acompanhar o perfil, e a comparação com eles é inevitável, principalmente, quando se trata de

pessoas próximas de seu convívio, como um vizinho, colega, amigo ou familiar. Já que possuem realidades aproximadas, então por que o outro parece muito mais feliz? A percepção que o sujeito tem de si, também pode sofrer alterações em decorrência do contexto em que se encontram as imagens que são acessadas por ele em uma determinada rede social.

Dessa forma, outro objetivo da seguinte pesquisa é compreender as consequências dos impactos do uso das redes sociais na formação da autoestima. Sendo assim, o terceiro capítulo irá discutir sobre a atual sociedade, que se baseia no consumo, chamada assim de “sociedade do consumo”, nessa dinâmica, o corpo também se torna um produto à ser consumido. Levando em consideração a grande atuação da indústria e dos meios de produção capitalistas - que visam aumentar o lucro e consumo - o corpo tem se inserido cada vez mais nessa dinâmica, que vem sendo reforçada pela mídia, e recentemente pelas redes sociais, impondo padrões estéticos que podem ser alcançados a partir do consumo de produtos, tratamentos e procedimentos que levam a tão procurada beleza-padrão.

Essa reflexão coloca em questão o olhar sobre o corpo, no qual o mesmo é percebido como um objeto. Sendo assim, quando se fala da percepção que o sujeito tem acerca dos conteúdos que exploram o corpo nas redes sociais, é possível notar uma maior vulnerabilidade ao desenvolvimento de transtornos ligados a imagem que a pessoa tem si, devido a essa busca frenética pelo “corpo ideal” que nem sempre é colocada de forma responsável. Os meios de comunicação, são uns dos mais poderosos veículos utilizados pelas indústrias das dietas, atividade física e cirurgia plástica para reforçar a associação da magreza com sucesso, poder, autocontrole, modernidade e atratividade.

Por fim, enquanto considerações finais, será reforçado que, a difusão do conhecimento acerca da manipulação da mídia, é fundamental para que haja uma redução da alienação do público, que está na maior parte do dia conectado às redes sociais digitais, com um baixo senso crítico aos seus conteúdos, resultando em uma manipulação em massa, capaz de afetar o bem-estar dessas pessoas que as utilizam. Logo, é de extrema necessidade, que os sujeitos tenham informações dos impactos que essas redes podem causar na suas vidas, quando utilizadas sem nenhum filtro e criticidade.

2 INTERNET E REDES SOCIAIS DIGITAIS

2.1 Da internet às redes sociais digitais

Desde o seu surgimento, a Internet vem trazendo grandes mudanças sociais, pois, a possibilidade de se conectar em rede, acabou produzindo um novo espaço virtual, que alterou as formas de comunicação. O seu início se deu durante a guerra fria, no final dos anos cinquenta, a partir de um projeto de pesquisa militar, que de acordo com Lima (2017), este projeto surgiu como resposta do governo americano ao lançamento do Sputnik pela ex-União Soviética, visando a troca de informações de forma rápida e protegida, entretanto, nunca foi imaginado pelos seus fundadores, que a Internet iria crescer nas proporções que ocupa hoje.

Porém, a internet surgiu no Brasil apenas em 1995, quando o ministério das comunicações e o ministério da Ciência e Tecnologia, constituindo o Comitê Gestor da Internet no Brasil, objetivou expandir e tornar viável o seu uso em território nacional. E assim, em 1997 foi o ano da sua explosão, quando ela passou a ser bastante difundida e reconhecida, deixando de ser novidade e levando a ter milhões de servidores no mundo todo, o que aponta para sua rápida evolução. E dentro desse cenário, as redes sociais digitais foram se instalando, e ganhando força, visto que, o seu potencial de promover comunicação era muito grande, devido a sua alta capacidade de difundir informações.

De acordo com Silva e Ferreira (2007, p. 02) “Rede social é um conjunto de pessoas (ou empresas ou qualquer outra entidade socialmente criada) interligadas por um conjunto de relações sociais tais como amizade, relações de trabalho, trocas comerciais ou de informações”. No entanto, no seguinte trabalho, serão enfatizadas, as redes sociais digitais, que se utilizam da internet para entrar em funcionamento, e assim, conseguem manter uma relação de troca como as redes sociais, a partir do uso da tecnologia de informação e comunicação ao seu favor.

As redes sociais online passaram a crescer, na medida em que a acessibilidade a internet foi crescendo também, e se tornando “o sinal mais material e visível da globalização” (MANOVICH, 2001, p. 32, tradução nossa).

No início da Web, em 1995, 44 milhões de pessoas utilizavam a Internet. Em 1998, contava com 142 milhões de usuários. Ao final de 1999, entre mais de 6 bilhões de habitantes, os usuários de Internet somavam 259 milhões, concentrados principalmente nos Estados Unidos com 110,8 milhões, no Japão com 18,2 milhões, no Reino Unido com 14 milhões, no Canadá com 13,3 milhões, na Alemanha com 12,3 milhões; no Brasil com 6,8 milhões; na China com 6,3 milhões; e na Coreia do Sul com 5,7 milhões – todos conhecedores de como se comunicar em ambientes hipermidiáticos (GOSCIOLA, 2003, p. 76-77).

Aos poucos foram surgindo sites que aumentavam a interatividade entre os usuários da internet, sendo capazes de incluir recursos como: troca de mensagens instantâneas, possibilidade de mandar áudios, vídeos, e uso de câmeras que poderiam exibir o que estava acontecendo em tempo real para quem estivesse do outro lado da tela.

O ser humano possui a necessidade de se relacionar com o outro, tendo nos dias atuais, diversas formas de fazer isso. Sendo assim, o uso das redes sociais é um dos meios que mais vem se destacando nos últimos tempos, sendo ferramentas da internet, que passaram a ser utilizadas como instrumentos de serviços e comunicação, centradas nos relacionamentos interpessoais, facilitando e democratizando esses processos.

O fácil acesso às informações, e também a tecnologia da comunicação, foram cruciais para que as pessoas tivessem mais facilidade de expressar as suas opiniões, em um curto período de tempo, e para uma maior quantidade de pessoas. Dessa forma, a troca de informações passou a ser constante e muito rápida. A partir dessas transformações, a forma dos sujeitos se relacionarem também se modificou, adaptando-se às novas formas de comunicação, que são independentes do encontro físico entre eles.

Uma rede social está em ascensão quanto mais as pessoas estiverem utilizando-a, mas para que isso ocorra, são desenvolvidas muitas estratégias pelos próprios criadores delas, que devem se atualizar, visando manter esse público dentro dessa mídia social. No entanto, nem sempre as motivações que são utilizadas para manter a atenção do sujeito nas redes sociais, são saudáveis. Táticas são utilizadas para sustentar a atenção, e conseqüentemente, uma dependência dos usuários pelos aplicativos e sites que são disponibilizados, logo, o comportamento de dependência pode trazer uma limitação daquele sujeito, na sua forma de ver o mundo, e estar nele também, que se restringe ao conteúdo *online*.

Dessa forma, as redes sociais se constroem a partir dessa dinâmica, utilizando-se das pautas que estão em relevância em um determinado contexto social para que tenham destaque, ao mesmo tempo em que podem ser ferramentas capazes de colocar algo em evidência, visto que, seu grande poder de disseminar informações corrobora para isso.

Por outro lado, as redes sociais influenciam o desenvolvimento da própria internet e da tecnologia. Pode-se observar que diversos produtos se promovem fazendo menção à facilidade da sua utilização. Assim, as redes sociais têm operado mudanças na própria forma como se vê a internet. (PINTO; PEREIRA; PEREIRA, 2011, p. 07)

Portanto, existe uma troca visível entre as mídias sociais e a constituição de uma sociedade, que está sempre a se transformar. Entretanto, essa fusão também possui seus pontos negativos,

principalmente quando é feita sem nenhum tipo de filtro ou senso crítico do que está sendo acessado, podendo levar seus usuários a serem facilmente manipulados e alienados.

O documentário *O Dilema das Redes*, disponibilizado no ano de 2020 na plataforma de streaming *Netflix*, discute sobre a comodidade e praticidade do acesso as informações que o sujeito deseja, no momento em que ele quer. Entretanto, durante esse processo, ele não tem controle e nem total escolha de quais outros conteúdos pode ver, pois enquanto busca algo de seu interesse, outros assuntos – que supõe-se ser interessantes para ele - vão aparecendo. E assim entram em cena os algoritmos¹, que são treinados para apreender um grande número de dados e informações pessoais dos sujeitos que usam as redes sociais digitais para que, a partir deles, se tenha uma noção do comportamento de seus usuários e, tendo esse conhecimento, a facilidade de influenciar uma pessoa em suas escolhas é maior. Logo se percebe a manipulação presente nessas plataformas digitais que, através desses dados, gera bastante lucro.

De acordo com o documentário, ao acessar essas redes sociais digitais, o sujeito não paga nenhum valor em dinheiro para isso, quem paga os donos dessas redes, são os anunciantes de propagandas. No entanto, o que é oferecido à eles em troca, são os dados e informações dos usuários dessas plataformas digitais, que como foi citado acima, são utilizados para manter o sujeito por mais tempo conectado à elas, tendo os algoritmos como auxiliares, já que, quanto mais tempo se passa utilizando-as, mais esse usuário vai consumir os anúncios que ali estão postos, dando um maior lucro para estes anunciantes. Dessa forma, é possível notar que, a pessoa não paga para utilizar essas redes, mas acaba sendo o próprio produto consumido.

Dentro dessa discussão, é importante levar em consideração o uso dos smartphones, que facilitam o acesso as redes sociais, e foram elemento primordial na evolução e aderência dos indivíduos ao uso delas. Por possuírem internet móvel, os smartphones possibilitam o acesso ilimitado das fontes de informação e comunicação. Santaella (2007, p. 231), a partir de comentários acerca da acessibilidade desses dispositivos, destaca:

Para termos uma ideia da acelerada velocidade do desenvolvimento dos dispositivos móveis, especialmente do telefone celular, hoje se pode afirmar sem susto que não só a cidade, mas qualquer parte do mundo se tornou acessível ao toque de minúsculos dígitos de um pequeno aparelho que quase cabe na palma da mão de uma criança. (SANTANELLA, 2007, p. 231)

¹ Os algoritmos das redes sociais são um conjunto de dados e regras estabelecidas por cada rede social, sendo eles os responsáveis por determinar quais conteúdos e quais páginas aparecem primeiro para o público na linha do tempo de suas respectivas contas. Eles irão ajudar a ranquear as postagens e filtrar os melhores para cada usuário.

Assim, o ato de estar conectado à internet vem se tornando um hábito comum no contexto social contemporâneo, dando espaço para que as redes sociais estejam presentes por mais tempo na vida de seus usuários, devido as facilidades trazidas pela portabilidade e uso dos celulares.

As redes sociais, tal como as conhecemos presentemente, existem porque a ligação da internet está mais facilitada, nomeadamente através dos dispositivos móveis, e porque os aparelhos tecnológicos estão mais generalizados. Havendo cada vez mais utilizadores da internet aumenta naturalmente o potencial de utilizadores destes sites. (PINTO; PEREIRA; PEREIRA, 2011, p. 07)

A internet móvel, apesar de ser uma ferramenta que democratiza a comunicação, tornando-a mais acessível, muitas críticas ao seu mau uso já foram feitas, no que diz respeito ao seu uso desenfreado, capaz de desencadear vícios nos seus usuários. Apesar da rápida popularização da tecnologia e de seus inegáveis benefícios, constata-se alguns problemas associados, dentre eles: o uso problemático da internet, o vício em tecnologia ou dependência de celular e internet. À vista disso, o uso exagerado da internet pode ocorrer porque o indivíduo está acessando com muita frequência as redes sociais para diversos fins, por exemplo, comunicar com os amigos, realizar trabalho, interagir com familiares distantes do seu convívio (BOUBETA, et al., 2015).

Nesse sentido, em meio aos impactos causados pelo uso das redes sociais e smartphones, é fundamental que se tenha ciência dos efeitos que eles podem causar nas relações sociais fora do mundo digital também, já que, novas formas de interação a partir dessas tecnologias foram implementadas. Assim, de acordo com Picon et al. (2015), a possibilidade de se comunicar em redes *online* pelos celulares, permite uma maior facilidade de acesso ao indivíduo, já que para isso, basta apenas ter o aparelho móvel e *internet*. Todavia tal comportamento pode atrapalhar o cotidiano das relações pessoais, especialmente o convívio com seus pares (por exemplo, familiares, amigos, colegas de trabalho/universidade), já que o indivíduo, mesmo na companhia de pessoas, pode permanecer conectado às redes sociais e negligenciar os momentos compartilhados.

2.2 Relações interpessoais: Um olhar de si mesmo a partir do outro

A internet móvel em conjunto com os smartphones, trouxeram grandes revoluções nas formas do sujeito se relacionar consigo, com o outro, e com o mundo. As redes sociais digitais, prometendo um acesso ilimitado a dados, informações e novas formas de comunicação, trouxeram uma promessa de aproximação maior entre os indivíduos, que a partir delas, poderiam estar conectados 24h por dia. Entretanto, o contato por parte das redes sociais, pode

diminuir o contato físico entre as pessoas, gerando efeitos no campo afetivo das relações, que foram reinventadas a partir desse novo recurso.

De acordo com Sibília (2016), o advento da internet trouxe consigo a relativização das distâncias, uma vez que, antes dos anos 90, o contato entre pessoas era limitado pela sua localidade, sendo feito por cartas ou telefone. Com o surgimento da comunicação virtual as relações com pessoas distantes foram sendo facilitadas, e assim, se tornando cada vez mais presentes nos dias de hoje, a ponto em que algumas pessoas preferem relacionar-se virtualmente a fazer contato direto com outras pessoas — e o mundo fora do digital. Sendo assim, é fundamental a questão de como essas relações vão se construir do campo digital, até a constituição das subjetividades de quem os acessa.

Segundo Nie e Lutz (2000), a internet está gerando uma onda de isolamento social e alimentando o fantasma de um mundo sem contato humano fora da vida digital. Quanto mais tempo as pessoas passam na Internet, menos tempo gastam com seres humanos de carne e osso. Apontando que o tempo antes era voltado a outras formas de lazer e convivência social, mas agora está sendo preenchido e ocupado pela internet. Partindo desses aspectos, pode-se observar, que a internet está trazendo consigo mudanças evidentes no comportamento social e individual das pessoas que, apesar de reduzirem o contato físico com os outros, não significa que haverá ausência de contato emocional, pois esse contato pode ser feito através de mensagens de texto, vídeos, fotos e áudios expressando as emoções que estão por detrás das telas.

No entanto, o contato feito entre as pessoas, a partir das redes sociais digitais, potencializa a natureza artificial das comunicações, transformando-as em espetáculo. Segundo Baudrillard (1991):

A transformação da comunicação em espetáculo significa que somos incapazes de viver experiências reais, tudo é vivido antecipadamente de forma virtual: antes de nos alimentarmos, consumimos a forma dos alimentos nas fotografias dos cardápios disponíveis na internet; antes de ter um encontro com alguém onde possam conversar e conhecer, pela internet eles já se conheceram e trocaram todas as informações, assim o processo da conquista já foi antecipado. A precedência das imagens e diálogos na internet, frente à realidade inviabiliza a circulação social do sentido, pondo um fim a comunicação e à era moderna. (BAUDRILLARD, 1991)

Portanto, o autor aponta que esse modelo gerou um esvaziamento da realidade, na qual fica comprometida a diferenciação entre o mundo digital, e as relações fora dele. Logo, se percebe o quanto as relações estão pautadas nesse modelo, colocando a imagem como um dos pontos primordiais para se iniciar uma troca relacional com o outro. Destacando o quanto a imagem que

o sujeito expõe, pode afetar o outro, e de certa forma, a forma como esse outro foi afetado, também tem relevância para o sujeito.

Sendo assim, ficou claro a importância da imagem que o sujeito passa nas redes sociais, seja a imagem dele mesmo, como a que ele pretende promover que, de alguma forma, também está relacionada a ele. Diante desse fenômeno, quando a imagem passa a ter tanta importância, o que se questiona é como isso vem impactando na subjetividade das pessoas dentro e fora da internet, já que muitas outras possibilidades presentes nas relações interpessoais do ser-humano, se reduzem a uma imagem, que nem sempre condiz com o que se pode ver fora das mídias sociais.

A percepção do outro é essencial para a interação humana. Ela mostra que, no ciberespaço, pela ausência de informações que geralmente permeiam a comunicação face a face, as pessoas são julgadas e percebidas por suas palavras. Essas palavras, constituídas como expressões de alguém, legitimadas pelos grupos sociais, constroem as percepções que os indivíduos têm dos atores sociais. (DONATH, 1999, apud RECUERO, 2008, p. 44)

A imagem que o sujeito quer passar de si nas suas redes sociais, nem sempre condiz com o que ele mostra fora delas, pois é a partir das suas mídias sociais, que ele pode fazer recortes do seu dia e da sua rotina, mostrando o que o convém para chamar atenção do seu público de forma criativa e atraente para eles. Logo, a visão que se tem do outro, atrás das telas, é fatiada, incompleta, e muitas vezes distorcida, pela falta de acesso a informações completas do que ocorre amplamente na conjuntura daquela existência em questão.

A fragilidade das relações que se baseiam em imagens é cada vez mais acentuada, visto que, os sujeitos podem ser um mundo de possibilidades a serem exploradas dentro das suas relações interpessoais, que vai além do que eles transmitem através da sua imagem em uma rede social, mas nem todos se propõe a olhar além do que já está naturalizado dentro das relações atuais no meio digital.

As relações sociais, a capacidade das pessoas amarem tanto a si próprias quanto às outras é afetada, pois tudo se torna flexível, gerando uma sensação de insegurança constante. Ao se priorizar o relacionamento em redes virtuais, as vinculações podem ser tecidas ou desmanchadas com igual facilidade — e frequentemente sem que isso envolva nenhum contato além do virtual —, não sabemos mais manter laços a longo prazo. (BAUMAN, 2004 p. 04).

O sujeito está em constante mudança como ser-no-mundo, logo se torna contraditório ao querer reduzir-se, ou reduzir os outros a apenas imagens momentâneas. Entretanto, o cenário no qual se encontra a sociedade contemporânea, que preza pela cultura do consumo, reforça a utilização da imagem do sujeito, como se ele fosse um produto que está à venda, logo, a impressão que dá quando se está diante de uma rede social que se utiliza da imagem das pessoas,

é a de que eles estão numa vitrine esperando serem escolhidos pelos seus “seguidores”. Mas, não para levá-los para casa na sua forma material, e sim, aderindo as suas ideias e produtos que por eles são divulgados. Logo, se percebe uma relação que vai além de trocas afetivas, indo também para as trocas comerciais, como aponta Bauman (2004), as relações contemporâneas se assemelham a um mercado de ações.

Quando uma postagem alcança um grande público, e consegue obter aceitação pela maioria, envolve uma sensação de pertencimento aos que divulgam e aderem àquela ideia, que quanto mais propagada e defendida, traz a impressão de que, quem não concorda pode ser excluído pelos que apoiam, por não acolher o mesmo conceito. Essa inclusão *versus* exclusão, pode levar a busca por estar dentro dos padrões, e assim, ser aceito pela maioria das pessoas, ou seja, aderir aos ideais que estão sendo respaldados pelo grande público. Embora, o sujeito tenha que abdicar-se de alguns ideais que pertencem a ele, para seguir o que é proposto pela grande massa.

Sendo assim, foi possível ver que existe uma relação entre a sociedade que, vivencia as relações sociais dentro de uma lógica de consumo, assim como, o uso da internet atuando na formação da subjetividade dos seus usuários. A cultura do consumo irá propor padrões capazes de aumentá-lo cada vez mais, e para isso, se utilizam da maior fonte de comunicação atual, que são as redes sociais, visando a difusão dos seus ideais. Portanto, além de utilizadas para manter ou construir relações a distância, as redes sociais digitais passaram a ser grandes instrumentos do comércio. Essa transformação trouxe impactos, muitas vezes problemáticos, na subjetividade de quem faz parte dessas redes, procurando formas de se identificar e inserir-se na sociedade.

As interações podem se tornar perigosas na internet quando o sujeito tem acesso a ela sem nenhuma espécie de filtro, pois o número de informações e conteúdos postados são muitos, e quando vistos sem criticidade, podem levar a consequências nocivas na construção da subjetividade do sujeito, até a sua saúde mental. Pois uma plataforma que trabalha com a exposição da imagem de pessoas, acaba colocando-as em uma posição de serem vistas e julgadas pelos outros. E diante disso, é importante salientar que a constituição da identidade e subjetividade do sujeito, perpassa pelo o que o outro pensa acerca dele, portanto, ver a sua imagem sendo aceita e acolhida pela maioria, promove nele uma sensação de bem-estar consigo mesmo, diferentemente de quando ocorre o contrário. Como diz Perdigão (1995)

[...] eu dependo do outro para obter uma verdade ao meu respeito, o outro “é indispensável ao conhecimento que tenho de “mim mesmo” [...] é a condição necessária para que eu possa me conhecer, de uma maneira que, sem o olhar dele, eu sequer seria capaz de imaginar que fosse possível”, ou seja, eu preciso da existência

do outro “pois se o outro não existisse eu não poderia saber-me visto objetivamente”, não conseguiria sozinho, mesmo que imaginando um outro, fazer uma representação de mim. (PERDIGÃO, 1995)

A valorização da imagem que o sujeito almeja passar para o outro é importante para ele, pois, a forma como o outro o percebe e o identifica é importante na constituição da imagem que ele tem de si. Sendo assim, estar fora dos padrões estéticos estabelecidos gera um certo desconforto por não conseguir passar a imagem que ele gostaria de se identificar, ao outro, logo, aproveitando-se dessa dinâmica de insatisfação, a mídia se propõe a vender produtos e serviços que levem o sujeito a esse resultado.

Nessa busca constante pela aceitação e reconhecimento de si através do outro, as relações acabam se tornando um espetáculo, no qual as pessoas expõem a própria vida para provar a sua existência, e assim, o olhar do outro passa a ser um “termômetro” que determina se a forma de ser-no-mundo daquele sujeito está certa ou errada de acordo com os seus parâmetros. É como Vieira Junior et al. (2016, p. 122) afirma “da mesma maneira que posso olhar o outro e defini-lo através de minha subjetividade, sei que o outro pode olhar-me e definir-me através de sua subjetividade”.

Em uma visão existencialista, o homem, que é um ser único, ao ser lançado no mundo precisa ir significando sua existência a partir das relações que estabelece com o mundo e os outros a sua volta, ele precisa do olhar do outro para se perceber, olhar esse que atualmente está sendo mediado pelas redes sociais. Assim, o sujeito passa a sentir a necessidade de se mostrar como perfeito o tempo todo nas mídias sociais e expor sua felicidade para que todos possam ver. Porém, essa perfeição é utópica, levando ao encontro da angústia e ao vazio existencial. (SOUZA, G. de; FREITAS, T. G. de; BIAGI, C. R., 2017, p. 126)

A dinâmica de buscar o olhar e reconhecimento do outro como elementos primordiais na constituição da identidade do sujeito, acaba tornando-o distante de si mesmo, já que ele acaba se afastando do que é, de fato seu, quando se propõe a alinhar-se ao que está sendo adotado e defendido pela maioria que o cerca. Essa prática é comum nas redes sociais digitais, como foi citado acima, e o uso massivo desse recurso, acaba difundindo e tornando cada vez mais corriqueira essa atitude, reduzindo a prática do indivíduo de entrar em contato consigo para fazer escolhas onde seus modos de ser e se relacionar consigo, com o outro e com o mundo possam ser tematizados e apropriados.

2.3 A visão do corpo no contexto das redes sociais digitais

A história do corpo humano vem se construindo junto com a civilização, na qual cada cultura tem suas particularidades e padrões, determinando como um corpo deve ser para que seja considerado aceitável e belo. De fato, como qualquer outra realidade do mundo, o corpo é

socialmente construído. Não há sociedade que não modifique, de alguma forma, o corpo, cada uma produzindo determinado tipo de corpo, que servirá como insígnia da identidade grupal. (PAIM & STREY, 2004). Logo, o cenário no qual se encontra uma sociedade, irá influenciar diretamente na forma em que os sujeitos percebem a corporeidade.

Ao longo da história, foi sempre evidente a importância decisiva da cultura enquanto reguladora do comportamento humano. Com efeito, dado que o indivíduo é socializado no seio de uma cultura determinada, é inevitável e perfeitamente compreensível que o mesmo partilhe e interiorize um conjunto de atitudes, crenças, valores e comportamentos, que são transmitidos de geração em geração e comuns a todos os indivíduos dessa sociedade (cultura). Consequentemente, o indivíduo molda as suas ações em função daquilo que é “normal” e aceitável no seu meio social, na procura incessante de preencher os requisitos exigidos pela cultura à qual pertence (ALVES et al., 2009, p. 02).

Goldenberg (2004), aponta a diferença na representação do corpo ao longo da história até os dias atuais, tratando dele como um objeto adaptável ao meio e, possivelmente, causador de alguns conflitos:

Quanto mais se impõe o ideal de autonomia individual, mais aumenta a exigência de conformidade aos modelos sociais do corpo. Se é bem verdade que o corpo se emancipou de muitas de suas antigas prisões sexuais, procriadoras ou indumentárias, atualmente encontra-se submetido a coerções estéticas mais imperativas e geradoras de ansiedade do que antigamente (GOLDENBERG, 2004, p. 09)

Algo muito comum nas sociedades é definir categorias quanto as características que são consideradas normais ou comuns do ser humano, essas que acabam criando uma identidade social. Sendo assim, o sujeito que não se encaixar nesses atributos é, de alguma forma, estigmatizado e excluído de alguns âmbitos que compõe o meio social que o cerca. E o corpo como elemento fundamental de inserção do sujeito no mundo, participa ativamente dessa dinâmica de estar ou não dentro dos padrões exigidos pela sociedade.

Dessa forma, Frois, Moreira e Stengel (2011) apontam que o foco atual está na aparência que o corpo traduz e nos símbolos contemporâneos de valorização: imediatismo, juventude, liberdade, magreza e músculos proeminentes e definidos. Silva (2005), também reforça essa ideia de que o aumento de publicidade focando em belas modelos magras e esbeltas, cada vez mais adolescentes e jovens adultos desencadeiam transtornos alimentares, quando não buscam modelar o corpo com academia e cirurgias plásticas, onde muitas vezes esse caminho pode não levar resultados saudáveis. Logo, esse é o ideal de beleza que perpassa a atual sociedade.

De acordo com Merleau-Ponty (1945-1994) O corpo também é a percepção do sujeito, uma vez que, é através dele que será possível se lançar no mundo fazendo apreensão dos sentidos inaugurando a existência e a presença do ser no mundo, portanto, ele é visto como campo criador dos sentidos, e a percepção é um acontecimento da corporeidade. Assim, o corpo

é considerado como um veículo comunicativo e potência do ser no mundo, tornando impossível se falar da relação do homem com o mundo sem levá-lo em consideração.

O homem inserido no contexto das redes sociais digitais, tem uma grande chance de ter a percepção de si mesmo e do seu próprio corpo regulados por esses meios, de acordo com o grande poder de influência que eles tem. A grande questão que perpassa essa situação é a forma adoecida que os sujeitos estão passando a ver os próprios corpos, uma vez que, a mídia preza por difundir imagens de padrões impossíveis a serem alcançados.

Nessa perspectiva, a influência da mídia é considerada um dos principais fatores de risco para a insatisfação corporal, que por sua vez repercute de forma negativa na vida dos sujeitos, gerando frustração, culpa, vergonha, depressão, baixa autoestima e redução da qualidade de vida, além de ser um dos principais fatores de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares. (SOUZA; ALVARENGA, 2016, p. 286, apud SILVA et. Al. p. 397)

Atualmente, se tem as redes sociais digitais como facilitadores do consumo, pois é a partir delas que o mercado vêm se utilizando frequentemente para divulgar os seus produtos. Vargas (2014), aponta que há uma influência da mídia na imposição de modelos e valores estéticos, gerando o desejo de alcançar os protótipos de beleza para a plena realização e satisfação do indivíduo, além de uma melhor aceitação social. Logo, promover a insatisfação nos usuários dessas redes, para que assim, eles consumam mais, é uma das ferramentas utilizadas.

A satisfação corporal nada mais é do que o indivíduo estar bem consigo mesmo, ver sua imagem refletida no espelho ou ter a percepção de seu corpo e gostar do que percebe. Já a insatisfação corporal é o inverso, o que acarreta sentimentos e pensamentos negativos sobre a própria aparência, influenciando no bem-estar emocional e na qualidade de vida do indivíduo (PIVA, 2013 p. 22).

Portanto, a insatisfação do sujeito com ele mesmo passa a ser algo vantajoso para esses meios de comunicação, já que isso vai gerar uma busca incessante pelo consumo, que atualmente é uma das bases das redes sociais digitais. Assim, como aponta Piva (2013), a insatisfação do sujeito com o próprio corpo, pode levá-lo a um distanciamento de si mesmo, logo, das suas vontades, deixando-o refém da vontade dos outros, criando uma sensação de vazio e falta de sentido naquilo que ele faz.

A saúde física do corpo já não possui tanta relevância num contexto em que a imagem do corpo se sobressai a suas capacidades de perceber ou sentir o mundo através dos seus cinco sentidos (audição, tato, olfato, paladar e visão). A ausência de saúde física no sujeito pode comprometer um ou mais desses sentidos, que são fundamentais na construção da percepção do mundo e subjetividade. No entanto, toda essa insatisfação com o próprio corpo, mesmo

quando o mesmo é fisicamente saudável, leva o sujeito a buscar soluções capazes de adoecê-lo nas suas potencialidades fisiológicas.

Os procedimentos estéticos, dietas, cirurgias plásticas, uso de cosméticos, altamente difundidos nas mídias sociais, em alguns casos podem causar danos físicos e até mesmo dor aos que se submetem a eles. Entretanto, são vistos como meios para se enquadrar em um padrão, e assim sentir-se aceito. Segundo Cordás (2005), nos últimos tempos houve um aumento abusivo por procura de cirurgias estéticas, procedimentos médicos e cosméticos, os quais aumentam de maneira exorbitante, pois a maioria parte das pessoas que escolhem esse tipo de tratamento, seja ele cosmético ou cirúrgico, está procurando resolver algo de sua subjetividade, crendo que será resolvida por meio desses métodos, e então depois de submetidas aos mesmos, continuam em um ciclo vicioso e contínuo pela busca de um corpo dito perfeito pelos padrões estabelecidos socialmente.

Mas a que fins esses meios de se enquadrar no padrão podem levar alguém? Dietas que quando feitas de forma irresponsável levam o sujeito a desnutrição, e até a morte. Cirurgias plásticas, que mesmo feitas com muito cuidado podem tirar a sensibilidade do local do corpo que foi operado e, em alguns casos, podem levar a morte também. Nunca se sabe, ao certo, qual fim terá o uso desses meios para reforçar a padronização exaltada pelas redes sociais digitais e a indústria do consumo.

Para dar sustentação a tecnologias cirúrgicas, o código da beleza está elevando nosso patamar da dor. Temos mesmo de evitar saber o que sentimos para sobreviver à Era da Cirurgia. Quanto mais sofremos, maior será a nossa resistência psicológica à reabertura dos canais mentais que tivemos de fechar. (WOLF, 1992, p. 332)

É notável o risco que os indivíduos correm nessa constante insatisfação com o próprio corpo, e como a percepção e subjetividade são comprometidos com toda essa enxurrada de informações que são recebidas através das redes sociais digitais. Segundo Simas e Guimarães (2002), nos dias atuais percebe-se que as mulheres e homens estão insatisfeitos com seus corpos mesmo quando estão com o peso abaixo do normal ou corpos esculpidos pela academia. Até mesmo quem está –supostamente- dentro do padrão imposto socialmente, se sente fora dele.

Esse fenômeno leva o sujeito a se submeter a intensas dores e sofrimentos em procedimentos estéticos ou cirurgias plásticas, em busca de algo que é dito bonito pela maioria das pessoas e meios de comunicação. Mesmo que isso o leve a comprometer algum dos sentidos e funções do seu corpo, um ditado comum é que “para ficar bonito, é preciso sofrer”, ou seja, abrir mão do seu bem-estar para sustentar a sua imagem perfeita. Segundo Boris e Cesídio (2007) a publicidade leva o consumidor a pensar que ela se preocupa com o melhor para ele.

Há sempre, implícita numa propaganda, uma preocupação com a realização dos sonhos e dos desejos mais íntimos do consumidor, mas o real objetivo é o interesse comercial

Como aponta o autor Merleau-Ponty (1945-1994), o corpo se expressa conforme o movimento perceptivo que realiza no mundo, pois a percepção se faz por meio de uma atitude motora, um gesto, a partir do qual acontece uma prática de habitação e sentido. Sendo assim, a dinâmica da percepção e expressão, são fundamentais para a relação desse sujeito com o mundo. “A expressão é, então, o gesto com o qual o corpo se comunica no mundo, é a atitude perceptiva manifesta intersubjetivamente, ou ainda, a expressão do ser no mundo.” (MERLEAU-PONTY, 1945 /1999, p.03).

A partir disso, é possível notar como o corpo e a percepção são canais que levam o sujeito ao mundo, e ao mesmo tempo estão interligados, ou seja, qualquer fenômeno que aconteça no corpo, impactará a percepção, e vice-versa. A percepção da nossa imagem procede do conhecimento que temos do nosso corpo. A atitude de cada ser humano, afeta a estrutura corpórea dele mesmo e, conseqüentemente, a imagem que se tem de si. (PORTINARI, 2000). No entanto, é quase inevitável deixar de contatar com qualquer mídia social e suas implicações positivas e negativas, porém, essas últimas precisam de uma atenção maior diante da percepção de seus usuários, colocando o seu bem-estar acima dos padrões impostos pelas redes sociais digitais.

3 A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO E AS SUAS IMPLICAÇÕES NA PERCEPÇÃO E CORPOREIDADE DE MERLEAU-PONTY

3.1 Gênese da fenomenologia

Visando desenvolver a temática da corporeidade enquanto percepção, e a sua relação com as redes sociais, será tomado como ponto de partida a tradição fenomenológica, importante filosofia, que ganhou impulso no final do século XIX, e princípio do século XX, durante a crise do subjetivismo e do irracionalismo, surgindo assim, na Alemanha, por Edmund Husserl. Como destacam os autores Silva, Lopes e Diniz (2008) essa abordagem recebeu influências do pensamento de Platão, Descartes, Brentano, dentre outros. Entre os pensadores que sofreram a influência do pensamento husserliano, podem-se destacar: Martin Heidegger, Alfred Schutz, Jean Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty.

O fundador desse movimento, viu a filosofia enfraquecendo-se diante do pensamento científico, pautado na explicação e determinismos, que eram utilizadas para fundamentar as teorias psicológicas do fim do século XIX e XX. Assim, propôs a fenomenologia como uma nova forma de pensar, que iria superar a dicotomia epistemológica orientada pela sociedade moderna, entre sujeito e objeto. A intenção de Husserl era desvelar os fenômenos sem as interpretações prévias que foram colocadas por essas ciências que dominavam o conhecimento.

Dessa forma, Capalbo (1996), afirma que Husserl entregou-se à análise de uma psicologia descritiva dos atos que constituem os objetos matemáticos, adotando o método da análise, o que implicava em uma nova concepção de subjetividade. O objeto da psicologia brentaniana tinha como fundamento a consciência de ser sempre como consciência de algo, ou seja, a intencionalidade². Brentano, um dos influenciadores do movimento, defende que a realidade está na consciência de cada um, na maneira como cada um vive o mundo, como se vê, sente, toca, ouve e percebe.

“O fundamental da psicologia brentaniana é que a experiência se baseia na percepção interior”. (HOLANDA, 1998, p. 03). Assim, a Fenomenologia é o que se mostra ou se torna

² Intencionalidade é um conceito filosófico recuperado por Franz Brentano da Escolástica, uma subcategoria dentro da filosofia medieval para definir o estatuto da consciência, qualificada por estar dirigida para algo, ou de ser acerca de algo, possuída pela maior parte dos nossos estados conscientes. As nossas crenças, pensamentos, anseios, desejos, são sempre acerca de alguma coisa. Do mesmo modo, as palavras que usamos para exprimir essas crenças e outros estados mentais são acerca de coisas.

visível para a consciência em sua individualidade. E o entendimento da consciência como intencionalidade é um fundamento epistemológico que compõe as bases da fenomenologia.

As coisas do mundo não existem por si mesmas, assim como a consciência também depende dos fenômenos, logo, não se deve separar sujeito e objeto. Assim, o pensamento husserliano defende que o conhecimento é desenvolvido por várias perspectivas da consciência, captando as estruturas fundamentais dessa última. Nesse sentido, as essências das vivências³ se constituem nos atos de consciência, e a fenomenologia trabalha na compreensão dos elementos da consciência, e para isso, é fundamental que ela se dedique a intencionalidade, já que por meio dela é dado sentido as coisas que o sujeito se relaciona.

O termo fenomenologia significa estudo dos fenômenos⁴, é uma abordagem que se assegura ao sentido que é dado ao fenômeno. Ela descreve os aspectos mais profundos de uma situação, procurando encontrar compreensão sobre a experiência do sujeito, e o que aquela vivência significou para ele. Como destacam os autores Silva, Lopes e Diniz (2008, p. 255), a fenomenologia vai mostrar que “o mundo é o fenômeno, o que se mostra, embora precise ser desvelado. Busca chegar ao fenômeno, desvelar o sentido deste que se mostra, para chegar aquilo que a coisa é”. Portanto, a descrição dos fenômenos será defendida, em detrimento da explicação destes mesmos.

O fundamental nesta corrente está na descrição. A direção primeira que Husserl deu à fenomenologia foi a de ir às coisas mesmas. A descrição fenomenológica é fundamental, porque o nosso olhar habitual não nos permite evidenciar o fenômeno em si mesmo. Nessa abordagem o pesquisador considera sua vivência em seu mundo vida, uma experiência que lhe é própria, permitindo-lhe questionar o fenômeno que deseja compreender. (SILVA; LOPES; DINIZ, 2008, p. 255)

Merleau-Ponty (1944-1994) destaca que, a fenomenologia trata-se de descrever, não de explicar nem de analisar. Essa primeira ordem que Husserl dava a fenomenologia iniciante de ser uma “psicologia descritiva” ou retornar “às coisas mesmas” é antes de tudo a desaprovação do método positivista e reducionista. Logo, o sujeito não é resultado de várias causalidades que vêm das explicações científicas, mas sim das suas vivências no mundo, e do sentido que é dado a elas a partir da sua própria visão.

³As vivências são as estruturas da experiência consciente: percepção, memória, imaginação, fantasia, etc. Toda vivência é vivência de alguma coisa e este vivenciar tem o modo de ser de um dirigir-se-a-alguma-coisa, ser-consciência-de-alguma-coisa, mirar-a-alguma-coisa. Dito de modo ainda mais formal: todo vivenciar é vivenciar-alguma-coisa, sendo, ao mesmo tempo vivência-da-vivência, consciência-da-consciência: autoconsciência enquanto consciência de alguma coisa.

⁴Fenômeno, significa “aquilo que aparece à consciência”. Tudo aquilo que possui uma aparição e pode ser observável de algum modo.

O século XVII, anterior a Husserl, estava marcado pelas influências racionalistas de Descartes, sendo uma época caracterizada pelo Mecanicismo, na qual o mundo e o homem eram vistos como máquinas constituídas de peças com funções específicas e independentes que contribuíam para o todo a partir do bom desempenho de suas funções. “Pode-se observar claramente uma redefinição das relações sujeito/objeto, seja no plano da ação, seja no do conhecimento. (FIGUEIREDO, 1991, p. 13, apud LIMA, 2008, p. 29)

Sendo assim, ir de encontro ao psicologismo⁴, passou a ser uma das premissas dessa abordagem. Como aponta Ziles (2007), Husserl rejeitando o psicologismo, afirma que as proposições lógicas contêm verdades necessárias, puramente ideais; as proposições da psicologia generalizam interpretações da experiência. A psicologia pressupõe a existência de seus objetos e a lógica não. Pela crítica ao psicologismo Husserl pensa a propriedade dos atos de pensar, perceber etc., a partir do seu conteúdo de sentido, ou seja, do pensado e percebido.

E segundo Lyotard (1999) essa corrente filosófica começou por ser e continua sendo uma meditação acerca do conhecimento, um conhecimento do conhecimento; e o célebre pôr entre parênteses consiste, em primeiro lugar, em dispensar uma cultura, uma história, em fazer todo o saber, elevando-se a um saber radical. Como diz Bicudo (2000) A Fenomenologia nos convida a suspender nossos próprios valores e ir ao encontro do fenômeno – da verdade. Dessa forma, o pensamento determinista e dotado de muitas certezas, precisa ser deixado de lado para que se olhe além do que já está sendo dado, retornando às coisas mesmas, e ao mundo que é anterior ao conhecimento, do qual esse mesmo conhecimento sempre fala.

3.2 Método fenomenológico

A fenomenologia é um movimento que se opõe ao positivismo, uma vez que, a experiência intuitiva é levada em consideração para apreensão do mundo e seus fenômenos, deixando de lado a ideia objetiva e explicativa em relação as coisas.

O método fenomenológico não estimula os pesquisadores a encontrar uma verdade definitiva para seus problemas de estudo. A fenomenologia é, antes de tudo, uma abordagem inacabada; o fenômeno investigado sempre poderá ser retomado e visto sob nova interpretação. Diferentemente do que às vezes faz crer o método hipotético-dedutivo, o fenomenológico pressupõe um recomeçar incessante, um enfoque que recusa cristalizações em sistemas acabados e fechados (MASINI, 1989).

Assim, o mundo é percebido pela experiência imediata do sujeito. Essa ideia desafia os pressupostos difundidos pelas ciências exatas - que acreditam que existe uma verdade a ser

⁴ O psicologismo defendia a tese de que a lógica compreende as normas que valem para todo o pensamento certo da mesma maneira como a engenharia apresenta as regras para construir bem. Por isso, como a engenharia se fundamenta na física, a lógica se fundamentaria na psicologia.

alcançada- e busca estabelecer um novo viés para ver as coisas, baseado na constante mudança que ocorre em cima das verdades.

Tudo aquilo que eu sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda. (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p.03)

Como foi visto anteriormente, a fenomenologia é um método que defende a volta às coisas mesmas, como ponto de partida de um conhecimento para se chegar à essência de um fenômeno. A trajetória do método fenomenológico consiste em: descrição, redução e compreensão dos fenômenos. A descrição, diferente da explicação, irá revelar as estruturas do fenômeno, através da descrição do que está se mostrando, buscando a essência do que é dado, sem basear-se em qualquer rigor externo. Nesse sentido, o pesquisador atribuirá um significado aquele fenômeno, conforme o ponto de vista dele, assim, entrará em contato com a sua subjetividade, e o que pertence a si mesmo.

Dessa forma, releva destacar que Husserl segmenta o método descritivo fenomenológico em algumas etapas, são elas: a) limpar as limitações do conhecimento; b) evitar qualquer forma de investigação baseada na natureza; c) almejar a perspectiva do fenômeno enquanto fenômeno, desprendendo-se dos conceitos prévios; d) atingir o transcendental, a pureza do conceito; e) buscar, em seguida, a pureza da verdade; f) livra-se do factual e, mediante razão, alcançar o essencial. (AZEVEDO, 2010, p. 210)

A redução fenomenológica consiste em selecionar quais partes da descrição são essenciais, pondo em suspenso todas as afirmações prévias, relativas às vivências, para somente então compreendê-las. Os vários atos da consciência, entretanto, precisam ser conhecidos nas suas essências, sendo, para tanto, necessário fazer uso da intuição. (Gomes, 2008). Assim, a redução pode desvelar o objeto para além da sua aparência, pelo seu caráter de buscar além do que é visto, podendo chegar a sua essência.

A crença acerca de tudo que é dito sobre o mundo natural e todas as suas proposições devem ser colocadas entre parênteses, por meio da *epoché* fenomenológica, que é o seu primeiro princípio metódico. Para Martins et al. (1990), a *epoché* fenomenológica significa suspender, diante do fenômeno, as crenças referentes ao mundo natural. Significa que o pesquisador deve deixar de olhar o fenômeno de uma forma comum, abandonando os preconceitos e pressupostos em relação aquilo que está investigando.

Com a suspensão dos nossos juízos e a proposição de uma atitude descritivo-compreensiva, aproximamo-nos das essências dos fenômenos que integram a nossa existência como um todo e que escapam ao reducionismo científico tradicional. A

partir de então pudemos, enfim, superar os limites da objetividade científica sem abrir mão do rigor do conhecimento. (FERREIRA, 2009, p. 144).

Sendo assim, Husserl (1950), aponta que a *epoché* trata-se, portanto, de nos colocar na atitude fenomenológica, de colocar entre parênteses as teses cogitativas que foram operadas, e ao invés de vivermos nelas, de as operarmos, operemos atos de reflexão dirigidos a elas, a fim de captá-las como o ser absoluto que são. Embora o mundo da ciência tenha suas evidências, é importante que se portem de forma diferente diante das suas investigações, não se pautando apenas em um mundo empírico, que pode dar a elas um conhecimento ingênuo acerca das coisas do mundo. Portanto, suspender a certezas sobre qualquer conhecimento, é uma atitude que garante acesso a um campo novo e inexplorado.

A compreensão ocorre simultaneamente a interpretação, a partir dela é possível obter o significado essencial na descrição e, na redução. O método fenomenológico não se limita apenas a uma descrição passiva, utilizando-se da interpretação também, portanto, de acordo com Masini (1989), a interpretação consiste em pôr a descoberto os sentidos menos aparentes, os que o fenômeno têm de mais fundamental. Se trata de interpretar o fenômeno a partir do movimento do individual para o geral, que resulta das convergências, divergências e idiosincrasias que se apresentam nos casos individuais (MERIGHI, 2003).

Para isso, utiliza-se da linguagem, para que haja comunicação, e o sujeito possa se expressar de acordo com as suas particularidades, e das suas percepções diante de um fenômeno.

Esta fase consiste em refletir sobre as partes da experiência que nos parecem possuir significados cognitivos, afetivos e conotativos e, sistematicamente, imaginar cada parte como estando presente ou ausente na experiência. Através da comparação no contexto e eliminações, o pesquisador está capacitado a reduzir a descrição daquelas partes que são essenciais para a existência da consciência da experiência (MARTINS, 1992)

Como já foi visto, a linguagem será fundamental para a trajetória do estudo fenomenológico, porque é a partir dela que será feito um contato direto do pesquisador com o sujeito pesquisado. Assim, quanto mais ampla a descrição do sujeito sobre o fenômeno, maiores são as chances de uma investigação ser bem sucedida. Como aponta Schmidt (1990), nesse modo de pesquisar, cabe ao pesquisador colocar-se, então, mais como um recolhedor da experiência, inspirado pela vontade de compreender, do que como um analisador à cata de explicações. O caminho da pesquisa fenomenológica, sem *aprioris*, é capaz de revelar/encobrir os fenômenos que estão sendo investigados.

3.3 A fenomenologia pela ótica de Merleau-ponty

Merleau-Ponty (1945), aponta que a fenomenologia não caminha junto a ciência, já que ela coloca entre parênteses todos os preceitos e informações científicas que já foram dadas acerca do mundo, mas também diz que a fenomenologia não é um retorno idealista. Quando ele afirma que "não há homem interior", Merleau-Ponty, além de transcender uma perspectiva dualista que divide o homem em interior e exterior, nega o idealismo transcendental⁵, que despoja o mundo de sua opacidade. Coloca a percepção como o fundo sobre o qual todos os atos se liberam, ao mesmo tempo em que ela é pressuposta por estes. A percepção, para Merleau-Ponty, é o campo de revelação do mundo - campo de experiência - não é um ato psíquico. A percepção é o campo onde se fundem sujeito e objeto. (MOREIRA, 2004)

O autor francês defende a ideia de que o homem é mundo, e o mundo é homem, cada um sendo parte do outro. Por isso, também destaca que a redução fenomenológica, usada como artifício da fenomenologia para se chegar o mais próximo da essência das coisas, nunca pode ser completa, exatamente pelo homem e mundo terem essa ligação, ou seja, a mundaneidade intrínseca do homem. Sendo assim, como afirma Moreira (2004), Para Merleau-Ponty, um mal-entendido de Husserl foi pensar que para ver o mundo, e captá-lo como paradoxo, é preciso romper nossa familiaridade com ele. Esta familiaridade nunca poderá ser totalmente rompida.

Merleau-Ponty faz uma crítica a fenomenologia de Husserl que defende o idealismo transcendental na fenomenologia. A redução, para ele, não será uma tarefa idealista, e nem "um retorno a uma consciência transcendental diante da qual o mundo se desdobra numa transparência absoluta" (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p.07), tão pouco um retorno reflexivo a uma fonte interior, ao "homem interior". Para esse autor, não se pode pensar a essência desvinculada do mundo, portanto, não se deve pensá-la como um objeto, senão a mesma será considerada uma facticidade. "A fenomenologia recoloca a essência na existência" (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p.05).

De acordo com o que foi retratado anteriormente nesse trabalho, a fenomenologia de Husserl tinha dois aspectos fundamentais, que eram "1) colocar o ser entre parênteses, para buscar o conteúdo real do fenômeno; 2) tentar penetrar naquilo que é original na nossa vida intencional. Husserl não duvida da realidade. O que ele quer é analisar a estrutura do fenômeno,

⁵ O idealismo transcendental defende que os fenômenos da realidade objetiva, por serem incapazes de se mostrar aos homens exatamente como são, não aparecem como coisas-em-si, mas como representações subjetivas construídas pelas faculdades humanas de cognição. Esta forma de idealismo afirma que o ego transcendental, consegue apreender conhecimento através dos sentidos e também de conceitos centrais, as categorias.

penetrar na natureza de nossos atos intencionais aos quais os fenômenos correspondem, já talvez delineando os traços de seu idealismo transcendental.” (KWANT, 1967, apud MARQUES, 2016, p. 834). Entretanto, para Merleau-Ponty, não existe nenhum tipo de cisão entre sujeito e mundo, pois, por mais profundo que se vá nos conhecimentos sobre o sujeito, sempre se encontrará o mundo. Logo, nunca será possível se fazer uma redução fenomenológica total dos fenômenos.

Dessa forma, o que se pode tirar de original de um fenômeno, sempre será um mistério, nada poderá ser revelado em absoluto, devido a esse vínculo intrínseco entre homem e mundo. “O mundo está ali antes de qualquer análise que eu possa fazer dele” (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p.05). Os sujeitos sempre serão uma relação com o mundo, logo, o mundo não pode ser “um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição” (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p.06). Sendo assim, o mundo nunca poderá ser transparente, mas sim, ambíguo. O autor defende que, é preciso se chegar a uma atitude que vá além da reflexão, que seria no caso refletir sobre a reflexão. Essa atitude leva o sujeito a ver como tudo está em constante mudança, quando não é visto sob uma ótica de consciência absoluta.

Para este filósofo, o modelo da reflexão não se baseia mais na clareza das ideias, e na consciência absoluta das coisas, assim, ele defende a vida irrefletida, na qual nenhum pensamento se fechará dentro de uma definição, uma reflexão sempre deverá estar em aberto para os novos sentidos que ela pode ganhar durante o percurso de outros significados que podem ser dados aos fenômenos que se tem acesso. Entretanto, esse retorno à vida irrefletida não significa que se deve abandonar a reflexão para se chegar a percepção.

Merleau-Ponty não está abandonando a reflexão, porém, sustentando que ela é unilateral e absoluta, se não nascer das coisas, isto é, de suas relações, pois a "razão" fenomenológica não é autônoma (no sentido que a modernidade deu a esse termo, com o projeto de fundação do sujeito autônomo), mas teleológica, presumida e incompleta — como se predestinada a acontecer mais de fato do que de direito. (PERIUS, 2012)

Como aponta Merleau-Ponty (1945/1999), o corpo é o veículo que leva o sujeito ao mundo, pois a partir das sensações do corpo, será possível perceber o mundo, viabilizando a redução fenomenológica.

Nosso corpo, enquanto ser corporal doador de sentido, põe em evidência, através das estruturas fenomenais, uma realidade conectada à nossa existência, como prova de que - apesar de não possuímos o mundo, pois ele é “inesgotável” -, nossa existência “pré-consciente”, irrefletida, torna-se a “função primordial” pela qual fazemos o mundo existir para nós. (MARQUES, 2016, p. 837)

As experiências dos sujeitos com as coisas que o cercam, são ao mesmo tempo a coexistência deles com os fenômenos. E utilizando todos os seus sentidos ao se vincular com um fenômeno, o sujeito pode se aproximar da existência real dele, ou seja, quando uma pessoa utiliza todos os seus sentidos diante de um fenômeno, tornará a descrição dela mais detalhada acerca dessa vivência. Como aponta Marques (2016, p. 838), há uma significação presente na própria estrutura dos signos dos dados sensíveis. Pode-se dizer que “nossos sentidos interrogam as coisas e que elas lhes respondem”.

Nesse sentido, pôde-se observar que a base do conhecimento para esse filósofo está na capacidade de perceber o mundo que nos cerca, e assim, dar significado aos fenômenos de acordo com os sentidos que constituem o sujeito. Conforme, Merleau-Ponty (1945/1999), a percepção é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam, sendo pressuposta por eles. Logo, a percepção está sempre dotada de sentido, e é um ato pelo qual a consciência apreende um fenômeno.

3.4 Fenomenologia da percepção

Em sua obra *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty (1945/1999) critica a compreensão positivista da percepção, pois essa última visão considera a percepção como algo separado da sensação, descrevendo que a mesma ocorre através da causalidade linear entre estímulo-resposta. Entretanto, no viés fenomenológico, a percepção se dá através da apreensão de sentidos que é feita pelo corpo, o qual pode se expressar de variadas formas, de acordo com os diferentes olhares que o sujeito tem acerca do mundo. Assim, Merleau-Ponty (1964/1992) aponta que:

Não há mais essências acima de nós, objetos positivos, oferecidos a um olho espiritual. Há, porém, uma essência sob nós, nervura comum do significante e do significado, aderência e reversibilidade de um a outro, como as coisas visíveis são as dobras secretas de nossa carne e de nosso corpo. (p. 117)

Quando o sujeito está no mundo, sem ideias preconcebidas, a percepção é fundamental para que ele se coloque no mundo, é pelos seus sentidos que ele volta para o seu conhecimento mais originário. A percepção que se tem do mundo é construída através dos movimentos, a partir desse mover-se para algo é que o sujeito poderá construir novas situações existenciais. Logo, a percepção é vista como ação do corpo, sobre isso Merleau-Ponty (1964/1992) afirma em sua obra *O Visível e o Invisível*:

Nessa relação, é possível notar que a percepção remete às incertezas e indeterminações, uma vez que, é a partir dela que o sujeito se lança buscando dar significados àquilo que encontra nos seus movimentos, podendo variar de acordo com a experiência de vida de cada um, que depende da cultura, relações sociais, vivências anteriores e intenções do momento. “Na concepção fenomenológica da percepção a apreensão do sentido ou dos sentidos se faz pelo corpo, tratando-se de uma expressão criadora, a partir dos diferentes olhares sobre o mundo.” (NÓBREGA, 2008, p. 142).

Na visão clássica de percepção, se tinha os dados sensíveis separados da significação, entretanto, na fenomenologia se vai além de dados clássicos ligados ao empirismo e intelectualismo, apoiando-se num ponto crucial, que é o movimento. Conforme Nóbrega (2008), para Merleau-Ponty, a percepção do corpo é confusa na imobilidade, pois lhe falta a intencionalidade do movimento. Portanto, os movimentos da pessoa acompanham o acordo perceptivo dela com o mundo, as sensações se associam aos movimentos, e cada coisa que se tem contato no mundo, convida a realização de um novo gesto⁶, não havendo, pois, representação, mas criação, novas possibilidades de interpretação das diferentes situações existenciais.

Para Merleau-Ponty, a percepção é como um ato inaugural do sujeito no mundo, que terá a sua noção baseada na relação que se constrói entre corpo e mundo, e não através de um conhecimento de realidade anteriormente estabelecida na consciência. Sendo assim, inato de perceber não se dá através de uma representação do real do objeto, e sim com a formação de sentido desse objeto. A percepção não é originada pelos objetos sobre o sujeito, e nem originada do corpo do sujeito sobre o objeto, e sim pela relação que existe entre o objeto e o sujeito, já que eles são corpos e os sujeitos também são corporais. A percepção possibilita a união entre consciência e mundo.

Como aponta Lima (2014), em Merleau-Ponty, o sujeito no mundo é o corpo no mundo, então o sujeito da percepção é o corpo, porque é ele que percebe, é ele que sente, é uma unidade perceptiva viva, e não mais a consciência concebida separadamente da experiência vivida, consciência da qual provém o conhecimento. O corpo é a fonte dos sentidos, que levam a significação da relação do sujeito com o mundo, sendo assim, o autor considera o sujeito como

⁶ Merleau-Ponty (1945/1994) recorrerá ao gesto para esclarecer a comunicação pela palavra, buscando no corpo não só a compreensão do problema da linguagem, mas também o entendimento de uma questão mais abrangente, a expressão. Segundo ele, há um mesmo modo de apreensão sensível na base da compreensão da fala e do gesto corporal. Apreende-se o significado da palavra assim como apreende-se o sentido de um gesto.

corpo no mundo, portanto, o conhecimento dele se funda no corpo-próprio. “A experiência perceptiva é corporal, nasce da relação do corpo com o mundo e não de uma associação, feita pela consciência, que vem dos órgãos dos sentidos, a partir daí pode-se dizer que o corpo é visto numa totalidade.” (LIMA, 2014, p. 107)

Para Merleau-Ponty, o corpo é o mediador da experiência do sujeito com o mundo. Portanto, a percepção se realiza a partir do corpo, desde o seu estágio nascente, que é quando se dá o contato inicial do sujeito com o mundo. No livro *fenomenologia da percepção*, o trabalho de Merleau-Ponty, foi mostrar que “o corpo não é coisa, nem ideia, mas movimento, sensibilidade e expressão criadora.” (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, apud LIMA, 2014, p.113). Separando-se das noções mecanicistas das ciências, e se aprofundando em uma nova compreensão do corpo e do movimento humano, tendo a relação entre corpo-mente como unidade, e não como integração de diferentes partes.

Investindo em afastar-se da dicotomia sujeito-objeto, Merleau-Ponty (1945/1999) aponta que, o homem é essencialmente corpo- consciência-do-mundo, o corpo é mundo e alma simultaneamente, o corpo do homem não é nem pura coisa nem a pura ideia, ele integra misteriosamente o percebido e o ato de perceber, o em si e o para si, pois está no mundo e é para o mundo; põe-nos em contato com o mundo e ao mesmo tempo é o modo segundo o qual nos revela ao mundo.

Conforme Merleau-Ponty (1945/1999, p. 15, apud LIMA, 2014, p. 114), Merleau-Ponty, apresenta uma visão de corpo diferente da tradição cartesiana: nem coisa, nem ideia, o corpo está associado à motricidade, à percepção, à sexualidade, à linguagem, ao mito, à experiência vivida, à poesia, ao sensível e ao invisível, apresentando-se como um fenômeno complexo, não se reduzindo à perspectiva de objeto, fragmento do mundo, regido pelas leis de movimento da mecânica clássica, submetido à leis e estruturas matemáticas exatas e invariáveis.

O filósofo fala sobre a noção de corpo-próprio como realidade intencional do sujeito, indo de encontro a visão cientificista, que apontava o corpo-objeto, ou corpo-máquina nos seus fundamentos, privilegiando a causalidade, que coloca o corpo como inferior a consciência. Entretanto, a sensação e a percepção não são irrelevantes diante da evidência racional, na verdade, são indispensáveis ao processo de conhecimento.

3.5 A intencionalidade como impulsora do sujeito no mundo

O que Merleau-Ponty entendia por intencionalidade, originava-se do conceito de intenção sustentado por Husserl, que tinha a intencionalidade como um reportar-se da consciência a uma coisa, é um transcender no qual a coisa se dá ou oferece à consciência, e nesse aparecer, se revela. (CESAR, 2012). Partindo desse ponto de vista, Merleau-Ponty reestrutura a noção de intencionalidade como abertura de um campo de possibilidades para um sujeito situado. (CESAR, 2012).

Conforme Merleau-Ponty “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p.14). A intencionalidade só pode ser compreensível através da redução, mesmo que essa nunca seja completa, é a partir dela que o sujeito tem a experiência de perceber o mundo

Os fios intencionais⁶ são capazes de ligar o sujeito aos objetos que o cercam, a partir da intencionalidade do mesmo em, aproximar-se ou afastar-se, de determinado objeto. Dessa forma, o que se move é o corpo fenomenal desse sujeito, e não seu corpo objetivo, visto que, o primeiro é capaz de levar o sujeito a mover-se em direção dos objetos que ele percebe.

O corpo é apenas um elemento no sistema do sujeito e de seu mundo, e a tarefa obtêm dele os movimentos necessários por um tipo de atração à distância, assim como as forças fenomenais que operam em meu campo visual obtêm de mim, sem cálculo, as reações motoras que estabelecerão o melhor equilíbrio entre elas, ou assim como os usos de nosso círculo, a constelação de nossos ouvintes imediatamente obtêm de nós as falas, as atitudes, o tom que lhes convém, não porque procuremos agradar ou disfarçar nossos pensamentos, mas porque literalmente somos aquilo que os outros pensam de nós e aquilo que nosso mundo é (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 154)

Quando o sujeito se move, ele encontra nas coisas em que percebe, diversas formas novas de olhar para elas, logo, quando movimentada o corpo, o sujeito tem a intenção de conhecer alguma coisa. O sujeito percebe, e logo se inclina em direção ao mundo, por meio do seu corpo. Nesse sentido, vê-se que existe uma relação entre a motricidade do corpo, e a sua dimensão sensitiva, visto que, os comportamentos vitais que existem no corpo do sujeito estão relacionados com a intenção de se dirigir para algo. Sendo assim, a intencionalidade se torna visível, pela influência do mundo percebido, e não somente pelas representações compartilhadas do sujeito.

3.6 A motricidade do corpo próprio para Merleau-Ponty

⁶ Fios intencionais podem ser compreendidos como a capacidade do corpo próprio de mover-se até determinado ponto. Este movimento é a necessidade de se aproximar da coisa percebida através da sua intenção de apropriação.

A motricidade do corpo do sujeito é entendida como o movimento do sujeito de dirigir-se a algo, e assim, perceber os objetos que estão fora de si, ao se projetar a um mundo exterior. Para Merleau-Ponty, é através do corpo, que será possível dirigir-se a conhecer, e se aproximar de algo. A imposição de um ponto de vista, pelo meu corpo, à minha experiência e à minha percepção do mundo é consequência e expressão da minha inserção e situação no espaço e tempo. (SOMBRA, 2006)

O sujeito pensa, e de acordo com o seu pensamento, ele usa o próprio corpo para se mover e aproximar-se de um objeto, conforme o significado que dá a ele. Assim, o sujeito pode chegar a ter várias percepções do mesmo objeto, através do movimento que realiza ao redor dele. “Portanto, não se deve dizer que o nosso corpo está *no* espaço nem tampouco que ele está *no* tempo. Ele habita o espaço e o tempo.” (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 193). As formas do sujeito ver o mundo, podem se modificar através dos seus movimentos, e o momento presente pode ser a base para que a pessoa pense, e construa os movimentos que virão futuramente. As experiências passadas também podem ser utilizadas para dar sentido ao presente.

A cada instante de um movimento, o instante precedente não é ignorado, mas está como que encaixado no presente, e a percepção presente consiste em suma em reaprender, apoiando-se na posição atual, a série das posições anteriores que se envolvem umas às outras. (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 194)

O corpo próprio, o qual percebe as coisas e reconhece suas formas, não está conectado apenas às experiências que vêm dele mesmo, mas envolve, também, tudo aquilo que é exterior. A experiência do corpo próprio apoia-se em sua relação com o mundo, que possibilita a análise das experiências com o mesmo. Portanto, Caminha (2010, p. 177), aponta que “a motricidade do sujeito que percebe não se reduz a uma inserção no mundo sem o apoio de algum solo mundano, porque ela nunca está separada do mundo ao qual ela se dirige.”

Por meio do corpo próprio, o sujeito passa a ter consciência do mundo, das suas formas, e assim pode vivenciá-lo. Tendo a percepção como abertura para o mundo, a mesma garante ao sujeito um afastamento ou aproximação do que ele percebe, utilizando como meio para isso, a motricidade do corpo próprio. “Nossa motricidade, vivida como tal, impede-nos de assistir à distância o nosso próprio movimento, porque ele não é um simples deslocamento, ao contrário, é, essencialmente, uma maneira de ir em direção ao mundo levada por nosso corpo” (CAMINHA, 2010, p. 182)

Ao falar de motricidade, é fundamental destacar também sobre os pacientes que possuem patologias capazes de afetar o funcionamento dos seus órgãos, e assim, os sentidos

deles também podem ficar comprometidos, gerando impactos sobre a relação mútua entre os movimentos do próprio corpo e os da consciência. Por estarem limitados ao seu próprio corpo, acabam tendo a sua percepção desestabilizada, e dificuldades em entender os fenômenos que estão fora deles mesmos. Entretanto, mediante a linguagem, ao ser feita uma descrição, pode existir compreensão. “Em relação aos movimentos, os doentes possuem apenas condições mentais de repetir ou de imitar movimentos, seja de pessoas ou de outros objetos externos, mas não conseguem manter um equilíbrio entre o sujeito e a intenção de se dirigir para algo.” (FIGUEIREDO, 2015, p. 47). De acordo com Merleau-Ponty, essa imitação iria intervir, apontando que existe uma função simbólica, e essa imitação seria uma percepção ou um pensamento objetivo.

No entanto, conforme Figueiredo (2015, p. 47), “essa função não explica as ações adaptadas, pois os doentes quando estão em uma consulta médica não apenas repetem os movimentos do médico, mas os representam para si mesmos. Não conseguem manter a mesma sequência que o médico, diferentemente de um sujeito normal, o qual adere imediatamente o modelo percebido.” Essa situação se dá porque o sujeito normal vai além da sustentação de posições atuais, mas também a um sistema de equivalências, que está aberto a outras direções. Merleau-Ponty, destaca sobre a ideia de esquema corporal como um sistema de equivalências e transposições intersensoriais.

Portanto, esse fenômeno indica que a experiência do corpo se volta para além de si mesma, pois está sempre em relação com o mundo. “Toda essa estrutura de fatores que contribuem para o sujeito que percebe, que se movimenta, que tem a intenção de algo e vive predominantemente o espaço em que habita constituem o que Merleau-Ponty chama de esquema corporal.” (FIGUEIREDO, 2015, p. 48). O filósofo busca embasamento também em outro fator, a “aquisição do hábito”, o hábito é uma cadeia de comportamentos que, quando repetidos numa grande quantidade de vezes, se tornam automáticos e mecânicos para o sujeito. “O hábito exprime o poder que temos de dilatar nosso ser no mundo ou de mudar de existência anexando a nós novos instrumentos” (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 199)

De acordo com Merleau-Ponty, as expressões corporais do sujeito são captadas pelos sentidos, tendo os sentidos como partes de um todo, que é o corpo próprio. O corpo não está em frente à si, mas completamente envolvido nele mesmo, e em suas capacidades de apreensão, que interligadas, estabelecem a tomada de consciência de todas as partes do corpo próprio. Ao falar sobre hábito, é visto que o mesmo se utiliza de mecanismos para compreender e adequar-

se facilmente a um espaço, nessas circunstâncias, o corpo é levado a fazer uma leitura por meio dos dados sensíveis. Têm-se o hábito motor e perceptivo.

O hábito motor pode levar o sujeito ao mundo, através do seu corpo, como uma extensão da sua existência, já o hábito perceptivo é a própria aquisição do mundo. Sendo assim, “Na verdade todo hábito é ao mesmo tempo motor e perceptivo, porque, como dissemos, reside, entre percepção explícita e o movimento efetivo, nesta função fundamental que delimita ao mesmo tempo nosso campo de visão e nosso campo de ação” (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p.210). Logo, os hábitos motores se recriam nos hábitos perceptivos, visto que, a apreensão acontece através do corpo.

Por exemplo, o uso da bengala que se torna uma extensão do corpo para os cegos, além de ser um hábito motor, também passa a ser um hábito perceptivo, pois é através dele, enquanto instrumento familiar, que os cegos percebem os objetos. A partir do instante em que o corpo detecta os objetos através da bengala, ela se torna um instrumento pelo qual o cego percebe as coisas. (FIGUEIREDO, 2015, p. 51)

A subjetividade e a tomada de consciência são fundamentais quando se trata do corpo próprio, pois o envolvimento que existe nas partes do corpo entre si, levam o sujeito a ter consciência da localização certa dos seus membros, até quando não pode visualizá-los. Entretanto, o sujeito só percebe o que está fora dele, por meio das suas capacidades perceptivas sensoriais. “Assim, não reconhecemos pela visão aquilo que vimos frequentemente e, ao contrário, reconhecemos de um só golpe a representação visual daquilo que, em nosso corpo, nos é invisível” (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 207).

3.7 Noção de esquema corporal

O corpo é um ser ambíguo, assim “Podemos considerá-lo em meio aos objetos que o cercam, podemos ver as partes do nosso corpo em meio a esses objetos. Mas não podemos dizer que meu braço encontra-se ao lado do cinzeiro do mesmo modo que o cinzeiro encontra-se ao lado do telefone.” (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 143). As partes do corpo se ligam umas às outras, e não somente estão estendidas umas do lado das outras, existe esse envolvimento, portanto, “Eu o tenho numa posse indivisa e conheço a posição de cada um dos meus membros por um esquema corporal em que eles estão todos envolvidos”, enuncia o filósofo (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 143).

Em um primeiro momento, o entendimento de esquema corporal vai sendo construído dentro de uma ótica empirista, no qual o autor irá tratá-lo como associacionista, nesse sentido, ele destaca que:

[...] a noção de esquema corporal é ambígua como todas aquelas que aparecem nas reviravoltas da ciência. Essas noções apenas poderiam ser inteiramente desenvolvidas por meio de uma reforma dos métodos. Elas são, pois, primeiro empregadas em um sentido que não é seu sentido pleno, e é o seu desenvolvimento imanente que faz rebentar os métodos antigos. Inicialmente, entendia-se por “esquema corporal” um resumo da nossa experiência corporal, capaz de oferecer um comentário e uma significação à interoceptividade e à proprioceptividade do momento. Ele deveria fornecer-me a alteração de posição das partes do meu corpo para cada movimento de uma delas, a posição de cada estímulo local no conjunto do corpo, o balanço dos movimentos realizados a cada momento de um gesto complexo, e enfim uma tradução perpétua em linguagem visual das impressões cinestésicas e articulares do momento. Falando do esquema corporal, primeiramente apenas se cria introduzir um nome cômodo para designar um grande número de associações de imagens e apenas se desejava exprimir que essas associações eram fortemente estabelecidas e constantemente prontas a atuar. [...] Sua representação fisiológica não podia ser mais do que um centro de imagens no sentido clássico (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 114-115)

Contudo, Merleau-Ponty achou insuficiente a definição do esquema corporal como uma forma ou consciência global das partes do corpo, e assim, passou a buscar análises que vislumbram o cunho dinâmico do esquema corporal. Nessa perspectiva, o autor vê o verdadeiro sentido da noção em questão, confirmando o caráter intencional do corpo próprio. Essa dinamicidade reforça que, o sistema corporal não pode ser considerado como um sistema rígido, podendo sempre incorporar novos instrumentos, além de aumentar a sensibilidade do órgãos sensíveis do sujeito para além de suas fronteiras. Ela também se estende até os objetos, que em função da utilidade imediata deles, podem passar a fazer parte do sujeito. “O cego sente a aspereza do solo a partir da extremidade de sua bengala assim como o cirurgião não se encontra confinado à sensibilidade dos seus dedos, mas a dilata até a ponta de seu bisturi.” (VERÍSSIMO, 2012, p. 210)

A relação do sujeito com o espaço e os objetos que servem de instrumento pra ele, não deve ser considerada objetiva recíproca, e não deve ser definida por parâmetros físicos, pois, a utilidade desses instrumentos pode ser indicada, de acordo com a necessidade e situação na qual o sujeito se encontra no mundo. O que o autor procura defender é, um diálogo entre sujeito e objeto dentro de uma unidade corporal, que também é unidade com o mundo. É possível observar essa questão na deficiência ou mutilação de algum membro do sujeito, que mesmo após a ausência do membro, o amputado conta com esse membro fantasma, da mesma forma que o sujeito normal conta com as partes do seu corpo.

Portanto, Lhermitte (1939/1998), apontava que, o fenômeno do membro fantasma poderia ser melhor compreendido partindo da noção de esquema corporal. “Esse membro fantasma, em realidade, o que é ele, pois, o que representa, senão a persistência de uma parte de nosso esquema corporal?”. Ele também destaca que “O que resulta, em última análise, da

consideração da ilusão dos amputados, é que a imagem de nosso corpo aparece muito mais resistente à destruição que nossa morfologia” (LHERMITTE, 1939/1998, p. 126).

Logo, Merleau-Ponty (1945/1999), aponta que a recusa da amputação relaciona-se com um Eu engajado num certo mundo físico e inter-humano, que permanece ligado ao campo prático, anterior à mutilação. E isso apenas é possível porque o corpo é o “termo despercebido”, sendo assim, o autor também fala em um “corpo habitual”, em torno do qual os objetos se mostram, mas que permanece no anonimato. O autor então, se refere a uma conexão entre o corpo e o mundo, que é primordial, em relação a ligação do corpo-mundo devida as funções pessoais do sujeito.

É fundamental destacar que o estudo do esquema corporal engloba a motricidade do corpo próprio e a espacialidade do mundo percebido. A partir do esquema corporal, pode-se notar a importância do estatuto da unidade do corpo, apontando que as experiências que o sujeito vivencia, não são apenas experiências do corpo dele, mas sim experiências do corpo dele no mundo. A descoberta do corpo é ligada ao mundo percebido,

O esquema corporal opera a passagem e a expressão entre o pensamento e o corpo, ele dá sentido motor as ordens verbais, ele é o centro de uma expressividade global, ele estabelece uma equivalência entre meus gestos e a totalidade dos outros gestos. Em suma, o corpo não é objeto transparente, ele não nos é dado à maneira dos objetos físicos (como o círculo do geômetra por sua lei de constituição). Para o filósofo, ele é “uma unidade expressiva”.(CARDIM, 2011, p. 48)

3.8 O corpo como ser sexuado

A partir da noção do corpo como ser sexuado, é possível notar no sujeito um modo de perceber que se difere da percepção objetiva, já que, encarnado, ele se mostra pela relação que constrói com outras realidades sensíveis. A experiência de estar em contato com outras pessoas e com o mundo, constrói a alteridade do sujeito, e é a partir dela, que ele percebe que há um prolongamento familiar de suas próprias intenções, uma vez que, “o corpo de outrem e o meu são um único todo, o verso e o reverso de um único fenômeno” (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 474). A alteridade é um dos modos que possibilita a interação do sujeito com o meio em que ele vive.

Enquanto sistema aberto em direção à alteridade, o corpo como ser sexuado projeta, portanto, o modo de ser do sujeito em relação ao tempo e às outras realidades sensíveis; o que, por sua vez, nos abre para a possibilidade do resgate de uma dimensão existencial da sexualidade, agora compreendida a partir da mútua pressuposição entre existência e estrutura erótica. (WARMLING, 2016, p. 60)

A sexualidade é o que liga um corpo à outro, assim, segundo Merleau-Ponty (1945/1999), ela é a relação entre pensamentos contraditórios e inseparáveis: é a tensão de uma

existência em direção a uma outra existência que a nega e sem a qual, todavia, ela não se sustenta. Diante de algumas situações, certas ações são praticadas devido às demandas que o mundo suscita, e a afetividade leva o sujeito além do que pode ser pré-determinado ou definido pelas dicotomias clássicas.

O que se observa na *Fenomenologia da Percepção*, é uma forte relação que existe entre existência e sexualidade, esta que possibilita, de certo modo, a nossa abertura para o mundo. Nesse sentido, a fenomenologia localiza na psicanálise de Freud uma maneira de refletir acerca da sexualidade, já que as duas correntes abordam esse tema como intrínseco para todo ser humano. Dessa forma, Merleau-Ponty buscou através da psicanálise, repensar algumas questões dessa abordagem, e utilizou algumas teorias dela para fundamentar sua própria teoria.

Sob o mesmo prisma, ainda que a linguagem freudiana seja deveras objetivista ao descrever os atos humanos conforme os termos de uma teoria das pulsões, para Merleau-Ponty os significantes psicanalíticos buscam antes de mais nada desvendar nas próprias funções corporais uma dialética capaz de reintegrar os impulsos sexuais ao homem. Sem fugir de nossas demandas, vejamos rapidamente alguns destes significantes, a saber: as noções de pulsão sexual e libido, respectivamente. (WARMLING, 2016, p. 61)

A psicanálise trouxe a ideia de que os atos humanos sempre possuem um caráter pulsional, de ordem sexual. As pulsões são forças ou cargas energéticas, que podem crescer e se modificar a partir da interação dos sujeitos com o meio em que ele vive, podendo impulsioná-lo para certos alvos. O objetivo do sujeito será diminuir a tensão que pode estar presente na sua fonte pulsional, e para isso, busca objetos que o ajudem a chegar nessa finalidade. A energia da pulsão sexual do sujeito é a libido, e o seu objetivo é a satisfação, portanto, quando a libido se fixava em algum estágio da vida de uma pessoa, ficando fora da consciência da mesma, produzia efeitos involuntários em seu comportamento.

Segundo o autor francês, diferente da psicanálise, na fenomenologia, a libido não se restringe apenas à sexualidade, mas também se apresenta em outras esferas da vida. Por mais que a sexualidade tenha uma grande importância para o sujeito, ela é só mais uma “maneira de ser no mundo físico e inter-humano” (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 121). Sendo a sexualidade vista como um dos modos que o sujeito se expressa, e constrói a relação entre corpo próprio e mundo, mas não como uma força biológica que dirige de fora os atos humanos.

Apesar de não ser completamente expressa pela consciência, a sexualidade, dá forma à vida humana, uma vez que, a partir dela o sujeito planeja seu modo de estar no mundo em relação ao outro. Portanto, é fundamental que não se separe, e nem hierarquize sexualidade, corpo e existência, pois, cada uma dessas dimensões compõe a vida pessoal do sujeito. Como

aponta Manzi Filho (2012), “não se tem como explicar uma pela outra, porque uma está arraigada a outra, o que se pode afirmar é que, um sujeito teve essa história de vida porque ele teve esta história sexual”. (p. 89)

O filósofo francês fala de uma atmosfera ambígua quando se trata do corpo como Ser Sexuado, pautado no princípio da indeterminação, visto que, a inconstância sempre se faz presente à existência humana, devido aos múltiplos sentidos que são dados às vivências do sujeito. Logo, não se é possível definir o que é da ordem do sexual ou não sexual para cada ato humano, havendo sempre uma troca entre existência e vida afetiva.

Merleau-Ponty tematiza que a sexualidade, a existência corporal, se funde em mim para alguém da minha vontade, consciência ou controle [...] para além de toda definição do humano como puramente racional ou ainda, para além de toda presunção científica que visa tão somente reduzir o plano da afetividade enquanto um mero processo causal. O filósofo [...] denuncia que as intencionalidades que propulsionam o ser em direção ao outro e ao mundo, além de o governarem não são tão conscientes, controláveis ou manipuláveis assim. [...] a existência corporal se funde em mim independentemente de minha vontade ou cumplicidade. Dessa forma, a afetividade corporal se projeta como o esboço de uma verdadeira presença no mundo. [...] Merleau-Ponty enraíza a consciência no corpo, reportando-se [...] a uma consciência perceptiva, afetivamente intencional. Tudo isso porque redescobrimos na afetividade uma experiência transcendental do ser total. Ela se torna, exemplarmente, a expressão mais genuína de um ser que deseja, que escolhe, que ama, que se comunica com o outro e com o mundo. [...] Eis a tese fenomenológica básica de qual parte Merleau-Ponty: a sexualidade, a corporeidade não depende da minha consciência, como condição, para existir. (SCHNEIDER, 2010, p. 70)

Como aponta Warmling (2016, p. 69), para Maurice Merleau-Ponty, não existe uma explicação da sexualidade que não se reduza a ela mesma, pois, sendo o que é, já corresponde a algo além de si, ou seja, nosso ser por inteiro. É possível que o sujeito engaje na sexualidade toda a sua vida pessoal. Como foi visto, em Merleau-Ponty, todo ato humano, no qual o sujeito está encarnado em sua relação com o outro, pode conter inúmeros sentidos, que de alguma forma, envolvem a todo momento o horizonte afetivo e sexual dele.

O filósofo francês também destaca sobre o sentido da mostraçã do corpo com a intencionalidade de fascinar. “Comumente o homem não mostra seu corpo e, quando o faz, é ora com temor, ora com a intenção de fascinar.” (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, P. 230). O olhar do outro sobre o próprio sujeito, pode rouba-lo de si mesmo, colocando-o em uma posição de escravidão à esse olhar estranho que percorre o seu corpo. Assim como, a exposição do seu próprio corpo ao outro sem defesa, pode reduzir esse outro à escravidão. Sendo assim, enquanto o sujeito tem o corpo sob o olhar do outro, ele pode ser visto como objeto, e não como pessoa. Como também pode acontecer o contrário, a mostraçã desse corpo, reduzir o outro à escravo.

No entanto, como aponta Merleau-Ponty (1945/1999, p. 230-231), o sujeito na posição de senhor, portanto de dominador, entra em um impasse, já que, “no momento em que meu valor é reconhecido pelo desejo do outro, o outro não é mais a pessoa por quem eu desejava ser reconhecido, ele é um fascinado, sem liberdade, e que a esse título não conta mais para mim.” Afirmar que tem um corpo é uma maneira de dizer que a pessoa pode ser vista como objeto, e que procura ser vista como sujeito, ao mesmo tempo que, o outro pode ser seu senhor ou seu escravo.

3.9 O corpo como expressão e fala

Pensando a linguagem como um modo original de sentido, Merleau-Ponty aponta que, a linguagem como fonte originária de sentido do próprio pensamento, não deve ser considerada como tradução ou reprodução do pensamento. “A percepção é o sentido que inaugura a abertura para o mundo, como a projeção de um ser para fora de si; a linguagem prossegue esta abertura de mundo na medida em que retoma, transforma e prolonga as relações de sentido iniciadas na percepção.” (FURLAN & BOLCCHI, 2003, p. 446).

O autor destaca a diferença entre fala falante e fala falada, colocando a primeira como se fosse um estado nascente, como um ato criativo. Já a segunda é caracterizada pela linguagem sedimentada, que se constitui por significações correntes, e maneiras de expressão de um certo meio sócio-cultural. Nessa sedimentação é que se usa uma ideia sem pensar de onde a mesma se originou.

A aproximação entre a fala e a análise do sentido do gesto corporal prefigura a intenção merleau-pontyana de buscar no corpo a origem do sentido da linguagem. Para o autor, o modo de apreensão do sentido da fala do outro é o mesmo que o do gesto corporal: eu os compreendo na medida em que os assumo como podendo fazer parte do meu próprio comportamento. (FURLAN & BOLCCHI, 2003, p. 446)

Merleau-Ponty (1945/1999), traz o gesto para elucidar o funcionamento da comunicação pela palavra, vendo no corpo a compreensão do problema da linguagem, e também o entendimento de algo fundamental nessa dinâmica, que é a expressão. De acordo com o autor, existe um mesmo modo de apreensão sensível na base da compreensão da fala e do gesto do corpo.

Assim como o sujeito pode apreender o significado de uma palavra, o mesmo também pode apreender o sentido de um gesto. Em um trecho o autor destaca “...eu não percebo a cólera ou a ameaça como um fato psíquico escondido atrás do gesto, leio a cólera no gesto, o gesto não me faz pensar na cólera, ele é a própria cólera” (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 251). No entanto, essa afirmação do autor não significa que o mesmo esteja reduzindo a análise do

gesto a um simples imediatismo da percepção, ou a um naturalismo da comunicação, uma vez que, para ele, o sentido dos gestos não existe naturalmente.

Merleau-Ponty, busca a expressão emocional dos gestos para sinalizar os indícios da linguagem como um fenômeno autêntico, e não ligada a reducionismo, como é vista no naturalismo. Dessa forma, o gesto e a fala se relacionam com a organização corporal do sujeito, sendo assim, “aproximando a linguagem das expressões emocionais, não se compromete aquilo que ela tem de específico, se é verdade que já a emoção (...) é contingente em relação aos dispositivos mecânicos contidos em nosso corpo...” (Merleau-Ponty, 1945/1999, p. 256). O autor esclarece a irrelevância na diferenciação entre o que é natural, e o que é construído. Mesmo que todas as condutas estejam apoiadas em um ser biológico, elas não se constituem unicamente pela estrutura fisiológica. Assim, o autor fala sobre o fenômeno de que sentimentos agrupados pelo mesmo nome podem ser experienciados de formas diferentes, e de outras formas, até por pessoas que vivenciam culturas distintas.

Não basta que dois sujeitos conscientes tenham os mesmos órgãos e o mesmo sistema nervoso para que em ambos as mesmas emoções se representem pelos mesmos signos. O que importa é a maneira pela qual eles fazem uso de seu corpo (...). O uso que um homem fará de seu corpo é transcendente em relação a esse corpo enquanto ser simplesmente biológico. Gritar na cólera ou abraçar no amor não é mais natural ou menos convencional do que chamar uma mesa de mesa. (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 256-257)

Merleau-Ponty (1945/1999) destaca que o ato da comunicação é contingente, e que ocorre diante de uma certa situação específica. Logo, o sujeito tem dificuldade de compreender a singularidade do comportamento de outros animais, e de outras formas de vida diferentes da dele. Assim, o autor fala que “eu não compreendo a mímica sexual do cão, menos ainda a do besouro ou do louva-deus. Não compreendo nem mesmo a expressão das emoções nos primitivos ou em meios muito diferentes do meu” (p. 251). O autor ainda usa o exemplo sobre a percepção que a criança tem do ato sexual, apontando que o sentido dessa cena para a criança será incompreensível, enquanto ela não encontrar em si, e no seu corpo, as possibilidades de sentido que permeiam essa conduta.

O sentido dos gestos não é dado, mas compreendido, quer dizer, retomado por um ato do espectador. Toda dificuldade é conceber bem esse ato e não confundir-lo com uma operação do conhecimento. Obtém-se a comunicação ou a compreensão dos gestos pela reciprocidade entre minhas intenções e os gestos do outro, entre meus gestos e intenções legíveis na conduta do outro. Tudo se passa como se a intenção do outro habitasse meu corpo ou como se minhas intenções habitassem o seu. (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 251)

De acordo com Furlan e Bolcchi (2003, p.448), os gestos, portanto, não são oferecidos deliberadamente ao espectador como uma coisa a ser assimilada; eles são retomados por um

ato de compreensão, cujo fundamento nos remete à situação em que o sujeitos da comunicação – eu e o outro – estão mutuamente envolvidos em uma relação de troca de intenções e gestos. Portanto, o significado que o sujeito expressa na sua conduta, procura no outro a legitimação de seu sentido, de uma forma em que, ele vê no outro um reflexo das suas próprias possibilidades, e das intenções que podem integrar as suas próprias ações. Diante disso, é possível notar que, o comportamento possui um caráter intersubjetivo, no qual o sujeito encontra no outro a possibilidade de troca de intenções pela comunicação. Essa última que ocorre quando há uma confirmação do outro pelo sujeito, e do sujeito pelo outro.

O corpo possui uma habilidade peculiar de apreender o sentido da conduta do outro, a partir do gesto ou fala dele. Dessa forma, “Merleau-Ponty diz que eu só consigo compreender a intencionalidade do outro – e sua atitude para comigo – porque através do meu corpo posso torná-la minha.” (FURLAN & BOLCCHI, 2003, p. 449). O corpo pode expressar uma conduta, e também dar sentido à ela a partir das intenções do sujeito.

Diante do que foi visto, é fundamental que se observe a importância da intersubjetividade, uma vez que, o corpo do outro é um dos primeiros objetos que o sujeito percebe quando vem ao mundo. Logo, a pessoa saberá que o outro tem um corpo, porque ela irá se reconhecer nele, nas intenções dele, que se configuram no próprio corpo do sujeito. “Desse modo, o corpo de outrem me mostra que há ali um outro eu mesmo, no sentido de que se é verdade que meu corpo arrasta consigo uma consciência, por que não seria verdade que o corpo de outrem também não arrastaria?” (SANTOS, 2015, p. 211).

É sabido que outrem se figura a partir das suas características físicas, de seu rosto, corpo, entre outras partes que o compõe. Tornando possível a confirmação de que ali existe um outro eu, uma vez que, as expressões do outro reportam as próprias expressões do eu que o observa. É por meio da experiência primária do próprio corpo, e “da sua disposição intencional e dos seus gestos que posso conceber o Outro como um Eu, uma existência como a minha, um comportamento como uma vivência subjetiva” (FALABRETTI, 2010, p. 528).

Além disso, Merleau-Ponty defende a ideia de que corpo do outro não é um objeto para si, e nem o próprio corpo do sujeito é objeto para o outro. A relação entre esses dois sujeitos se trata de um corpo que percebe, e de outro corpo percebido. Conforme Merleau-Ponty (1945/1999, p. 474), o outro é “um segundo eu mesmo e o sei em primeiro lugar porque este corpo vivo tem a mesma estrutura que o meu”. Logo o próprio corpo do sujeito encontra no corpo do outro uma espécie de “prolongamento miraculoso de suas próprias intenções, uma

maneira familiar de tratar o mundo”, de modo que “[...] o corpo de outrem e o meu são um único todo, o verso e o reverso de um único fenômeno” (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 474).

O olhar do outro só transforma o sujeito em objeto, e vice versa, se eles se olharem de forma inumana, e deixarem de lado a sua natureza pensante. Quando cada um deles entender a ação do outro apenas como ações observadas, mas não compreendidas. Como acontece quando se lida com uma pessoa desconhecida.

Se lido com um desconhecido que ainda não disse uma só palavra, posso acreditar que ele vive em um outro mundo no qual minhas ações e meus pensamentos não são dignos de figurar. Mas que ele diga uma palavra ou apenas faça um gesto de impaciência, e ele já deixa de me transcender: então é esta a sua voz, são estes os seus pensamentos, eis portanto o domínio que eu acreditava inacessível. (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 484)

Em seguida, o autor aponta a necessidade de se redescobrir depois do mundo natural, o mundo social, esse último como campo permanente ou dimensão de existência, mas não como objeto ou soma de objetos. O sujeito pode até se desviar do mundo social, mas não deixa de estar situado em relação a ele, a sua relação com o social é equiparada a sua relação com o mundo, em toda a sua profundidade e percepção acerca dele.

4 CORPO, INTERNET E CONTEMPORANEIDADE

4.1 Noção de corpo na atualidade

[...] O sujeito constrói a sua subjetividade na relação com o mundo e com os outros indivíduos, todos inseridos em um mesmo contexto e em determinado período sócio-histórico. No processo de construção da subjetividade, são incorporados, a partir da influência da cultura, modos de linguagem, hábitos e costumes e padrões de comportamento e de valores, inclusive modelos de apreciação estética, isto é, do que é belo ou feio, principalmente com relação ao corpo. Tal construção é fruto do que apreendemos na família, na escola, com os amigos e através dos meios de comunicação. A mídia impõe padrões estéticos, éticos e políticos, influenciando, cada vez mais, especialmente hoje em dia, a existência do sujeito, e atingindo, assim, a sua subjetividade por meio das suas mensagens (BORIS; CESÍDIO, 2007, p. 463).

Na visão da sociedade contemporânea, o corpo é considerado como um dos principais construtores de subjetividade. A forma como o sujeito lida com o seu corpo, para além das suas capacidades físicas, vem sendo um assunto cada vez mais discutido nos dias atuais, principalmente no que se trata da estética do mesmo. No entanto, é necessário compreender quais espaços da subjetividade contemporânea esse corpo vem ocupando, como ele impacta na cultura e no modo de ser-no-mundo do sujeito. É importante considerar que a percepção do sujeito sobre o seu corpo está atrelada ao grupo social no qual ele vive, e dos recursos que o cerca, sendo assim, é necessário que se veja além da sua individualidade.

Os corpos são educados por toda realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento. Uma educação que se mostra como face polissêmica e se processa de um modo singular: dá-se não só por palavras, mas por olhares, gestos, coisas, pelo lugar onde vivem. (SOARES, 2001, p. 110).

Nesse sentido, com o passar dos anos, novas tecnologias foram se instalando, e junto a elas, outras ideologias acerca da construção do corpo mudaram consideravelmente, devido ao fácil acesso aos mecanismos ligados à “boa forma”, criando uma supervalorização do corpo no aspecto estético.

O indivíduo parece ser responsável por sua aparência física por meio das várias formas de construções corporais hoje presentes no mercado – como as dietas, os exercícios físicos, os variados tratamentos de beleza e as cirurgias plásticas. E, assim, o corpo atual, ou seja, aquele que se encontra em consonância com os padrões de beleza contemporâneos que associam juventude, beleza e saúde apresenta-se como um valor fundamental na sociedade ocidental. (DANTAS, 2011, p. 900)

O corpo contemporâneo perpassa por todo um imaginário que o coloca como um meio para atingir a felicidade, é por meio dele que o sucesso pessoal pode ser atingido em vários âmbitos da vida. E na atual sociedade, o sujeito é levado a contemplar e consumir tudo o que o

sistema lhe diz que é necessário ter para que se atinja a felicidade. Nesse sentido, como destaca Maroun e Vieira (2008), a vida se torna uma imensa acumulação de espetáculos, onde as imagens corporais, por exemplo, passam a ser mercadorias em potencial, atendendo ao imaginário contemporâneo que deposita na boa forma física uma alternativa viável para realizarem-se existencialmente.

Refletindo as aspirações capitalistas da época, o corpo toma-se palco, meio e fim de modos de produção e consumo. A engenhosidade do sistema constrói desejos para satisfazer os imperativos da grande indústria, via natureza e necessidades do corpo. Para isso, o corpo é colocado a serviço de trocas altamente lucrativas que o explora moral, científica, ideológica, comercial e emocionalmente. (PINTO, 1992, p. 295).

O que se vê hoje em dia, é uma sociedade pautada no consumo, tendo o sistema capitalista como o combustível que alimenta essa estrutura. É necessário que se insira na dinâmica do mercado para que se possa sobreviver, muitas atividades vitais do ser-humano estão ligadas a alguma forma de consumo.

Assim, a população não conta mais com a organização social sob a forma de família, amigos, vizinhos, comunidade, velhos, crianças, mas com poucas exceções devem ir ao mercado e apenas ao mercado, não apenas para adquirir alimento, vestuário e habitação, mas também para recreação, divertimento, segurança, assistência aos jovens, velhos, doentes e excepcionais. Com o tempo, não apenas necessidades materiais e de serviço, mas também os padrões emocionais de vida, são canalizados através do mercado. (BRAVERMAN, 1977, p. 235).

Essa situação acaba criando no imaginário das pessoas uma ideia de que elas são definidas por aquilo que consomem, logo, elas tentam construir suas relações em vários âmbitos, e dar sentido às suas vidas por meio do ato de consumir. Assim, na contemporaneidade, o mercado é capaz de unificar globalmente inúmeras nações. Independente da cultura, religião e crenças, os indivíduos de cada nacionalidade estão submetidos ao consumo, “Nem a religião, nem a política, nem nenhuma outra ideologia é capaz de penetrar em todas as culturas e ambientes como o faz o mercado mediado pela publicidade.” (SANTOS & MEDEIROS, 2011, p. 108).

A contemporaneidade tem em sua marca uma sociedade que é chamada de “sociedade de consumo”, mas que também pode ser chamada de sociedade da estética. Uma vez que, para se vender e comprar um produto, é necessário que a estética do mesmo seja atraente, sendo assim, o corpo não ficou de fora desse processo. Há um tempo atrás, o corpo gerava lucro a partir de adereços que o cobriam, ou então o enfeitavam, como roupas, maquiagens, entre outros cosméticos. Porém, na atualidade, “[..]o lucro é extraído diretamente do corpo, sem que se percam os lucros anteriores. É o corpo que nos querem vender. É a mercadoria que pretendemos

comprar. O corpo virou “o mais belo objeto de consumo”.” (MAROUN & VIEIRA, 2008, p. 181). Sendo assim, tem-se o corpo inserido nessa perspectiva como objeto de consumo.

Todo esse fenômeno de transformação do corpo em produto de consumo, é responsável pela dinâmica que reforça o culto ao corpo, abrindo espaço para um mercado que preza por isso, a partir da indústria do culto ao corpo. “Esta indústria opera baseada em uma lógica que transforma tudo em algo mensurável, pragmático e utilitário a fim de buscar uma resposta para a insatisfação crescente com relação ao corpo. O corpo contemporâneo precisa ser melhorado, ampliado, ajustado, modificado e, até mesmo, criado.” (DANTAS, 2011). A partir dessa indústria surgem as orientações do que se deve fazer para chegar ao padrão de beleza difundido no mundo social. Acredita-se que a origem e todo o percurso da vida do sujeito, se manifestam através da forma do seu corpo, levando em consideração todas as suas características físicas (altura, peso, voz, entre outros.). Colocando o corpo dito como perfeito pelos padrões sociais, como algo fundamental na constituição do sujeito, logo, ele está para ser admirado e observado no aspecto físico da sua vida, mesmo que hajam tantas outras características subjetivas, que também o constituem.

A sociedade de consumo, atrelada a globalização e às várias tecnologias, acabam atribuindo – de certo modo – aos indivíduos o dever de cuidar e modelar o próprio corpo de acordo com os padrões exigidos, afinal, não faltam recursos no mercado que facilitam essa finalidade. Como aponta Dantas (2011, p. 902), “com um pouco de esforço e trabalho físico, homens e mulheres são diariamente persuadidos a alcançar a aparência desejada, mesmo que para isso sejam necessários exercícios intensos, cirurgias plásticas e dietas radicais - como pregam os diversos meios de comunicação vigentes”. No entanto, essa perspectiva acaba configurando o corpo dentro de uma ideia de que ele é só um detalhe biológico que pode ser controlado a partir de técnicas oferecidas pelo mercado. “Oferece-nos a ideia de que precisamos de próteses químicas, mecânicas e medicamentosas para prosseguir em nosso viver cotidiano.” (DANTAS, 2011, p. 902).

O que se observa na cultura do consumo, é que o sujeito luta para se adequar a lógica industrial, essa que utiliza artifícios de manipulação que levam a pessoa a crer que possui necessidades individuais, que muitas vezes podem até ser falsas, mas que são reforçadas pelo sistema, visando um rápido escoamento dos seus produtos. “Por uma construção cultural, o homem unidimensional com suas necessidades predeterminadas, transforma-se em apenas mais uma peça da maquinaria social, destinada a consumir cada vez mais.” (MAROUN & VIEIRA,

2008, p. 179). No entanto, a ânsia pelo consumo, pode causar inicialmente uma certa euforia no consumidor, que acredita estar comprando algo que realmente necessita, embora, em seguida o mercado continue impelindo esse sujeito para comprar mais e mais. Logo, o ciclo inacabável de compras pode gerar na pessoa uma sensação de incompletude e vazio, por nunca achar que tem o suficiente.

Voltando para a questão do corpo como objeto de consumo, e da condição corporal como algo significativo para se alcançar a felicidade no mundo contemporâneo, tem-se o corpo magro, jovem, entre outros padrões, como algo que deve ser alcançado para que o sujeito se sinta bonito e socialmente aceito. Dessa forma, a padronização de ideais estéticos que são propagados, se diferenciam muito da realidade da maioria dos corpos, e geralmente esses padrões só podem ser atingidos por meio de cirurgias plásticas, procedimentos estéticos, intervenções na alimentação do sujeito e uma boa dedicação às atividades físicas. Entretanto, dentro de todos esses métodos para se atingir o “corpo ideal”, se olha uma desconsideração no que tange a subjetividade humana, que em muitos casos, é colocada em segundo plano para que se atinja essa meta.

O corpo carrega em si a marca da vida social, os tipos físicos em que cada corpo se enquadra é capaz de possibilitar, e até de dificultar certas relações e posições sociais que o sujeito pode ocupar. Diante disso, nota-se que há uma modelação da sociedade para com o corpo, que pode ser considerado como “pouco mais que uma massa de modelagem à qual a sociedade imprime formas segundo suas próprias disposições: formas nas quais a sociedade projeta a fisionomia de seu próprio espírito” (Rodrigues, 1983, p. 62).

A sociedade segue com a cultura do consumo na qual o imaginário do corpo é dominado pelas imagens que mostram um ideal da estética corporal. As origens e trajetórias de vida das pessoas manifestam-se na forma do corpo, ou seja, em sua altura, peso, postura, forma de caminhar, conduta, tom de voz, estilo de falar, etiqueta, entre outros. Fundamentalmente, o corpo belo, produzido, construído, modelado, estetizado está para ser visto, admirado e observado. (MAROUN & VIEIRA, 2008, p. 183)

O sonho de ter o corpo perfeito -dentro dos padrões socialmente estabelecidos- se tornou algo tão difundido, que Maroun & Vieira (2008) fizeram uma analogia dessa busca como algo que pode ser comparado até com uma espécie de religião, já que possui verdadeiros cultos, mandamentos e doutrinas a serem seguidos para se chegar até esse fim.

É notável que exista uma veneração do corpo como entidade física na contemporaneidade, mas para além disso, também se tem a imagem desse corpo como fundamental para apropriação do mercado. Principalmente no que se refere as propagandas que são feitas nos meios de comunicação, que se utilizam de imagens de mulheres geralmente brancas, loiras, magras e altas, para vender produtos que estão associados a elas. Essas imagens que são colocadas em anúncios, geralmente expõe corpos que o imaginário social e de mercado reproduz como perfeitos, que se enquadra no corpo que é o ideal de consumo, atrelando a sociedade de consumo a uma sociedade de imagem.

4.2 A internet e sua colaboração na difusão dos ideais de corpo perfeito nas redes sociais digitais

A internet é uma das mídias sociais que tem maior destaque no que se refere a propagação de ideais, sendo assim, o capitalismo, que visa o lucro, se utiliza dessa ferramenta para sustentar seu imperativo do consumo. Alguns recursos da internet, como as redes sociais digitais – principalmente as que trabalham com imagens – atuam fortemente na divulgação de imagens que exibem corpos perfeitos. Essa propagação parte dos próprios usuários dessas redes, que podem ser famosos ou pessoas comuns. Nas páginas de relacionamento é fácil encontrar famosos exibindo seus corpos moldados, trazendo a ideia de que a pessoa poderá conseguir bons relacionamentos ou o sucesso profissional seguindo àquele padrão apresentado. (ROXO et al., 2017).

Alguns perfis dessas redes sociais digitais, se utilizam da sua imagem padrão, que eles creem ser a desejada pela maioria das pessoas, para difundir formas de como se chegar a ter aquelas mesmas características, logo, os seguidores daquele perfil acreditam ser possível chegar a ter um determinado corpo, cabelo, rosto, caso sigam as instruções e comprem os produtos ou façam os procedimentos que foram indicados. Entretanto, o que muitas vezes não se questiona, é a veracidade daquele perfil. Será que aquele corpo ideal foi alcançado só a partir de dietas e academia? Ou então, será que aquele corpo existe mesmo, ou foram utilizados apenas filtros e efeitos de outros aplicativos para deixá-lo dentro do padrões sociais exigidos? São várias perguntas e críticas que devem ser feitas antes de tentar se encaixar no que é dito por esses perfis.

Pode-se observar na mídia a veiculação dos corpos ideais através das redes sociais, com destaque para o *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*. Tais imagens e vídeos são postados com o

intuito de persuadir o público a seguirem a ideia de representação corporal ideal, baseando-se, muitas vezes, em informações falsas e manipuladas (LESSA, 2005. p.13). Esses recursos de persuasão, muitas vezes acabam manipulando usuários dessas redes a estarem dentro dos padrões estabelecidos. Até mesmo pessoas que são bem informadas, e dotadas de conhecimentos acerca dessa manipulação, acabam cedendo à essas condutas, devido a enxurrada de imagens que chegam o dia todo através dessas plataformas digitais. O uso contínuo e desenfreado das redes sociais digitais, podem chegar a limitar o senso crítico dos seus usuários, que naturalizam a exibição frequente de corpos ideais, e acabam acreditando que o corpo ‘inadequado’ pode ser o seu próprio corpo, por não estar dentro desse padrão corporal definido pela sociedade como o belo.

A difusão dos ideais de corpo perfeito vêm sendo lucrativos para o sistema econômico e político que, como já foi citado acima, ganham com a insatisfação dos consumidores, que consomem cada vez mais por se sentirem inconformados com sua aparência. Assim, essas mídias não só oferecem imagens e modelos a serem seguidos de corpos, como também oferecem fórmulas de como chegar a tê-los. Geralmente, os usuários dos perfis das redes sociais digitais, que expõe assim o seu próprio corpo, e atendem um padrão de corpo ideal, ganham reconhecimento, fama, e outros privilégios. Sendo assim, acaba ficando subentendida uma mensagem, que como destaca Maria Rita Kehl, no artigo *Com que corpo eu vou?* (2005), ao esculpir um corpo ideal, também se constrói um destino, um nome, uma obra. Logo, estar nessa posição, é sinônimo de sucesso.

Kehl (2005), também fala sobre essa idealização de sucesso com estética corporal, que acontece porque hoje o corpo costuma ser a primeira condição de felicidade do ser humano, já que a imagem que o indivíduo apresenta à sociedade vai determinar a felicidade dele, uma vez que, essa imagem pode ser utilizada, não só para despertar o desejo de alguém, mas também, para construir autoestima e amor-próprio. E assim, as fórmulas para se ter um corpo dentro dos padrões socialmente estabelecidos surgem, porém, o que não é levado em consideração são as diferenças de uma estrutura corporal para outra, questões genéticas, entre outros fatores que, por mais que o sujeito siga a fórmula que lhe foi passada, não será possível alcançar aquele resultado prometido.

Uma imagem corporal remete, de algum modo, ao sentido das imagens corporais que circulam na comunidade e se constroem a partir dos diversos relacionamentos que ali se estabelecem, seja pela proximidade, seja pela distância emocional que aquela imagem proporciona. Ou seja, em qualquer grupo existe sempre uma imagem social do corpo, e por isso mesmo provoca uma tendência à identificação do sujeito com

outros integrantes do grupo, instituindo-se assim imagens corporais para seus membros (TEVES, 2002, P. 33)

Além dessa questão biológica, que dificulta a chegada no corpo definido como perfeito pelos padrões sociais, também se tem o uso de aplicativos ou outros recursos que modificam as fotos, gerando modelos corporais ainda mais inalcançáveis. Os filtros do *Instagram*⁷ têm sido a ferramenta mais utilizada para se modificar a própria aparência de forma instantânea, basta abrir a câmera no aplicativo, e logo se pode ver uma imagem transformada, afinando o nariz, aumentando a boca, colocando cílios mais alongados, cobrindo manchas na pele, entre outras características que reforçam esse padrão de beleza já estabelecido. Essa facilidade de alterar a própria imagem, tem aumentado a propagação de fotos e vídeos que se distanciam do corpo, como de fato ele é, fora das redes.

Analisando o que é explorado pela mídia, há uma demanda pela perfeição. No Instagram há milhares de blogueira(o)s, personagens influenciadora(o)s de uma massa, que retratam sua vida como um exemplo a ser seguido, e desejado por quem os acompanha. Além disso ser uma estratégia de auto validação, é também fruto da necessidade de se comunicar, ser visto e notado pelos outros. (SILVA; PINTO; SILVA; TEIXEIRA, 2019, p. 05)

Uma grande questão que permeia essa era dos filtros do *Instagram*, é a dificuldade do sujeito em aceitar a sua própria imagem sem o uso desses filtros. Já acostumado a ver a si e aos outros com esses efeitos, como é se ver sem o uso deles? Para alguns, pode ser uma experiência angustiante, podendo levar até mesmo a procura de procedimentos estéticos que o tornem mais parecido com a imagem do *Instagram*.

O Instagram ganha popularidade pelos seus atributos de imagem, é uma rede que dispõe de recursos que facilitam o compartilhamento imediato. Tudo é formulado e reformulado rapidamente, e o meio detém de uma facilidade do recorte da realidade. Os usuários se empenham em conseguir criar o registro perfeito, a perfeição inexistente, uma realidade não acessível a todo(a)s, a fantasia produzida e que quer ser real. (SILVA; PINTO; SILVA; TEIXEIRA, 2019, p. 13)

Logo, é possível notar o quanto essa dinâmica de edição e modificação de fotos pode tornar o processo de autoaceitação em algo mais custoso para o sujeito. E tudo isso girando em torno de uma busca incessante pela imagem perfeita, na sociedade que preza fortemente por isso. Como aponta Debord (2003), vivemos na sociedade do espetáculo. Nela, o que é vivido fica de lado e o que tem valor são as representações das vivências.

⁷ Disponibilizado em 2010, o Instagram surgiu permitindo novas formas de socialização, um blog pessoal, em que é possível realizar o compartilhamento e manipulação de imagens e vídeos, contando com diversos dispositivos que promovem a interação entre os usuários, como dar like, comentar e favoritar imagens (PIZA, 2012).

Na sociedade espetáculo, a vida pessoal se torna pública, quase como se fosse uma novela narrada pra qualquer pessoa que queira assistir. Como afirmam Silva, Pinto, Silva e Teixeira (2019, p. 14), “a necessidade e as cobranças interiores de se expor o tempo todo, faz com que o indivíduo que não consiga manter essa dita prosperidade, está de fora do mostruário, e não alcance os padrões, de maneira que pode-se acarretar problemas na autoestima e na vivência.” No entanto, essa aparição frequente, gera uma necessidade de aceitação constante, e para que se seja aceito nesse meio, é preciso estar sempre impecável. Qualquer deslize na aparência, ou até na fala do sujeito que está sempre em exposição, pode gerar comentários danosos sobre a imagem dele.

Essa crucificação de um determinado indivíduo, pode causar sérios danos à sua imagem, refletindo em outros âmbitos da sua vida, inclusive na sua profissão, ainda mais se ela tiver relação direta com o uso das redes sociais digitais, podendo gerar grandes transtornos à esse sujeito, visto que, a imagem é colocada como primordial na atual sociedade, principalmente nessas redes, onde a pessoa passa a maior parte do seu tempo contemplando diversas fotos, logo, compartilha a representação da sua vida também.

A Internet possibilita um mundo à parte da sociedade tornando um campo fértil para indivíduos se exporem e ainda construir identidades segundo sua própria conveniência. Como bem diz Hall (2011) “todas as identidades estão localizadas no espaço e tempo simbólico (p.71)”. Na internet, as deixas simbólicas são diminuídas podendo assim, construir-se e reconstruir-se a todo o momento fazendo ou mudando seu perfil na rede, tendo a identidade como uma representação. (GENUINO, 2013, p.34)

Esse fenômeno de se expor o tempo todo, pode criar no sujeito uma auto-vigilância exacerbada, na qual ele está a todo momento preocupado com a sua aparência, já que está sempre diante dos “holofotes” das redes sociais digitais, e precisa sustentar uma boa imagem para que seja aceito pela maioria dos seus usuários.

4.3 O impacto das redes sociais digitais na imagem que o sujeito tem de si, e suas consequências

A maneira que as redes sociais digitais vêm sendo utilizadas na contemporaneidade, traz para os seus usuários uma sensação cada vez maior da necessidade da aprovação do outro, exhibir-se na busca de aceitação dos outros usuários dessas redes é uma fonte de satisfação e bem-estar. No entanto, como já foi citado, essa busca constante da aprovação do outro, pode acabar afastando o sujeito de si mesmo, uma vez que, o seu referencial de vida se torna refém

da visão de quem o segue nas suas redes, ele pode reduzir a sua capacidade de entrar em contato consigo, e suas condutas à possibilidades limitadas e distantes da sua singularidade. A percepção do próprio peso é um aspecto significativo quando se refere à imagem corporal, podendo ser influenciada por vários fatores, incluindo a cultura e os padrões sociais. (VEGGI et al., 2004).

Em convívio com outras pessoas, é inevitável que o sujeito acabe se identificando e tomando para si certas condutas do outro, uma vez que, é fundamental para a formação da subjetividade e para o reconhecimento do sujeito, que ele se perceba no outro. Nesse sentido, é necessário que se entenda as consequências implicadas quando ele deixa de perceber das suas próprias capacidades e limitações para se enquadrar nas expectativas dos outros. Toda essa pressão para se adequar aos padrões exigidos, pode gerar distorções na forma que o indivíduo enxerga a si mesmo. A imposição da mídia e da sociedade é vista como um dos principais fatores que causam a alteração da percepção da imagem corporal. Através desses meios existe a estereotipação de um padrão corporal considerado o ideal, onde é associado ao sucesso e a felicidade (CONTI et al., 2005).

Por passar tanto tempo diante das suas redes, vendo apenas recortes de ângulos e momentos perfeitos dos outros, o sujeito exige de si aquele mesmo estilo de vida e de corpo, principalmente quando ele está diante de figuras que possuem a mesma idade, e mesmo gênero, logo as comparações começam a surgir, e o grau de exigência do sujeito para consigo, também. Nas redes sociais digitais pode-se contar com os *digitais influencers*⁸, entre eles, têm-se os influenciadores do mundo *fitness*, que dizem promover saúde através de bons hábitos alimentares, e uma rotina de atividades físicas. Geralmente, os *influencers* dessa categoria costumam ser pessoas magras, que na sua maioria, fazem das redes sociais a sua fonte de renda, portanto, há uma exigência maior sobre a estética do próprio corpo. Em uma entrevista para a BBC NEWS (2020), a *digital influencer* Isabella Russo afirmou que “Exibir o corpo perfeito nas redes sociais se tornou angústia na minha vida”. A jovem descreveu uma relação péssima com a comida, e com o seu próprio corpo, já que, por mais que ela se sentisse dentro dos padrões, e aceita pela maioria dos seus seguidores, ainda havia uma enorme pressão que ela

⁸ O digital influencer é um formador de opinião, sendo capaz de influenciar um grande número de pessoas/seguidores nas suas redes sociais digitais, como Facebook, Instagram, entre outras. Além disso, o digital influencer também pode fechar parcerias com grandes empresas, para criar conteúdos exclusivos, visando promover ofertas e aumentar as vendas dessa empresa.

colocava em si mesma para não engordar, e assim, não enxergava além da estética. E ainda destacou que "Não era sobre buscar uma vida saudável. Era sobre ser magra". Entretanto, os influenciadores que trabalham com o mundo fitness, costumam mostrar a sua rotina, frisando que seus hábitos são voltados, acima de tudo, para uma vida saudável.

O influenciador digital possui uma grande responsabilidade com o público que o acompanha nas redes, uma vez que, seu conteúdo – dependendo da forma que foi postado – pode causar efeito nocivos àqueles que o acompanham. O que se pôde ver, é que nem o próprio influenciador, está ileso de ter problemas relacionados com a imagem de seu corpo. Mesmo tendo conhecimento de toda a credibilidade do seu conteúdo, e da realidade que existe fora das redes sociais, ele acaba se envolvendo profundamente nesse mundo da busca pela perfeição. Assim, o sujeito na posição de “influenciado”, e em alguns casos, carente de informações e conhecimento desse mundo das redes sociais digitais, pode se envolver com maior facilidade ainda nele, e adquirir sérios problemas de transtornos alimentares e insatisfação corporal.

De acordo com Minerbo et al. (1997) a insatisfação crônica com a imagem corporal, entre outros fenômenos, exemplifica o percurso enganoso que tende a colocar as pessoas em uma busca incessante pela beleza. Essa que estabelece na subjetividade humana uma autêntica conflito contra uma certeza que lhe é alienável: os próprios limites humanos. Além das dietas insustentáveis, também se têm as cirurgias plásticas e outros procedimentos estéticos que podem modificar o corpo da pessoa que se submete a elas. “O Brasil encontra-se no primeiro lugar do ranking mundial de realizações de cirurgias plásticas. A insatisfação corporal e a influência sociocultural são os principais fatores que levam esses indivíduos a optarem pela realização do procedimento.” (COELHO et al., 2015, p. 567). Como muito bem exemplifica Vigarello (2006, p. 235), a experiência subjetiva daqueles que possuem tais insatisfações corporais, pode ser narrada da seguinte forma:

Tenho os ombros e os quadris muito grandes. Quando me olho de costas num espelho tenho a sensação de ser muito gorda por causa de meus quadris e dos ombros, e no entanto sou magra. Impossível, aliás, engordar: consultei um médico que simplesmente me ordenou repouso e um fortificante. Nada resolve. No fundo, sinceramente, não desejo engordar, porque, se já sou feia nua, gorda seria mais feia ainda vestida. Tenho uma desculpa formidável: é irremediável. Os movimentos que o senhor recomendou em janeiro para as pernas arqueadas são realmente eficazes? Pernas cavadas podem realmente se tornar belas, em quanto tempo? Apesar de minha falta de gordura, tenho assim mesmo barriga. Creio que isso poderia derivar de uma forte curvatura dos rins. O senhor acredita que a cinta elástica é preferível ao espartilho? Tenho os ossos dos quadris muito exuberantes. E ainda, uma pergunta que lhe fazem seguidamente, mas que eu preciso absolutamente saber: um peito pequeno caído, de dois ou três centímetros, pode ser melhorado? Tenho o peito rapidamente estragado e o nascimento de um bebê não o embelezou, pelo contrário. Quando

estendo os braços e aperto o peito meus seios ficam em bom lugar. Não peço o impossível, mas uma melhoria sensível é possível? (VIGARELLO, 2006, p. 235).

Até mesmo pessoas magras, e consideradas dentro do padrão de beleza estabelecido, procuram pelas cirurgias plásticas, que são cada vez mais naturalizadas, e exaltadas nas mídias sociais. É notável que há um número maior de mulheres que se rendem a esses procedimentos. A preocupação, naturalizada, com o corpo, tão exaltada hoje, acaba por levar ao extremo essa inquietação, onde garotas cujos corpos estão muito próximos dos padrões tidos ideais passam a considerá-los como ‘defeituosos.’ (DAMICO & MEYER, 2007). Dessa forma, o corpo é constantemente convocado a sofrer alterações, pois o padrão de beleza se torna a cada dia mais inalcançável.

No entanto, os riscos de vida, e outras consequências negativas que podem vir da cirurgia são poucos discutidos, e o que mais se observa são falas exaltando esse tipo de procedimento, blogueiras, influenciadores digitais, modelos, etc. fazendo propagandas de métodos, e também de profissionais que atuam nessa área, destacando o quanto a sua relação com o próprio corpo melhorou depois de ter passado por algum desses procedimentos, passando para o público que os assiste uma sensação de que se também fizerem aquele procedimento, podem sentir-se melhores também. O corpo real, sem alterações estéticas, já não se encaixa mais no que é esperado pelos padrões.

O padrão estético vigente: seco, sarado e definido e sua proposta de intervenção corporal constante, quer seja subtraindo pedaços da anatomia ou adicionando próteses, parece apontar para uma artificialização do corpo, ou melhor, uma indistinção entre o homem e as máquinas, robôs, cyborgs e outras tantas figuras que povoam o imaginário da ficção científica (NOVAES, p. 141, 2007).

“As cirurgias plásticas, ao serem anunciadas pela mídia e especialistas como facilitadores estéticos tornam-se um convite à beleza até mesmo a pessoas com renda reduzida, que podem dividir em “suaves” parcelas” (SAVERGNINI e RICARDO, 2013, p.09). Logo, se pode ver que surgem cada vez mais facilitadores para que as cirurgias plásticas sejam feitas, naturalizando essa prática, e banalizando os efeitos nocivos que possam vir a partir dela. Nos perfis profissionais que trabalham com a estética do corpo, é comum que se veja fotos que mostram o antes/depois do procedimento, criando uma expectativa nos usuários dessa rede de que, chegar naquele “depois” pode ser algo simples, e que vai trazer felicidade à ele, mas os bastidores, e todos os riscos de vida que aquele sujeito correu para chegar naquele resultado, não são expostos na mesma postagem.

Durante as cirurgias plásticas já ocorreram óbitos, membros amputados, e até perda da sensibilidade da parte do corpo que foi operada. Então questiona-se, até que ponto é mais interessante fazer um procedimento que pode limitar a própria capacidade do sujeito quanto as suas funções perceptivas, para se enquadrar em uma imagem demandada pela sociedade? Uma vez que, são as funções do corpo, com todos os seus sentidos funcionando perfeitamente, que inserem o sujeito no mundo, e criam novas possibilidades de vivenciar novas experiências. Então se submeter a qualquer procedimento cirúrgico ou estético que pode limitar essa capacidade, para sustentar uma imagem aclamada pela multidão fala bastante sobre os valores que estão em questão na contemporaneidade, e de como as redes sociais digitais são meios de comunicação que atuam fortemente na difusão dessas crenças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho monográfico, buscou apresentar as influências das redes sociais digitais na percepção da corporeidade. Fundamentando-se na fenomenologia existencial. Através da obra de Merleau-Ponty, *Fenomenologia da percepção*, foi possível discutir a relação do corpo e percepção com a contemporaneidade, e assim, com as redes sociais digitais, que são elementos fundamentais na constituição da subjetividade dos sujeitos que vivenciam o século XXI. A obra de Merleau-Ponty foi essencial para contextualizar a relação que o corpo-próprio tem com o mundo e com os outros, de como a percepção e o corpo inserem esse sujeito nas suas vivências, portanto, sendo elementos indispensáveis para a construção das relações da pessoa com o todo que a cerca.

Como dito anteriormente, a percepção e corporeidade são essenciais para a inserção do sujeito no mundo, através delas, as vivências e os sentidos vão se construindo. As duas trabalham sempre juntas desde nascimento da pessoa. Tendo o conhecimento do que perpassa pela percepção e corporeidade, das descobertas que são feitas a partir da dinâmica que existe entre as duas, e da intersubjetividade, que é essencial na construção da visão que o sujeito tem de si, do mundo e do outro. Foi possível fazer um comparativo de todos esses conceitos com o estilo de vida contemporâneo, de como as relações são construídas hoje em dia, pautadas numa lógica de consumo, sendo assim, todos esses elementos – percepção, corporeidade e intersubjetividade- baseados nessa premissa, sofrem influência das redes sociais digitais, que são as grandes difusoras do consumo e padrões estéticos.

O corpo, enquanto espaço de criação de sentidos e recebimento de significações, acaba por reproduzir uma lógica de consumo que se instaura a partir do próprio caráter existencial de articulação que se dá entre os corpos. Principalmente no que tange a sexualidade, que articula identidade com a alteridade. Assim, se busca ter um corpo que fascina o outro, ao mesmo tempo que esse próprio local de fascinação, não garante qualquer espaço de possibilidade de estabilidade, dado o caráter de objetificação do sujeito, que agora é um “fascinado”. É possível pensar que, a própria aquisição de a cada vez novos produtos para o corpo, padrões e alteração do esquema corporal, são tentativas de auto-asseguramento de uma potência corpórea no mundo. Que ao invés de se abrir a novas possibilidades interpretativas, acaba por se orientar num horizonte restritivo, dado a instabilidade dos padrões defendidos pelo mercado e pelas redes sociais digitais. Sendo assim, os gestos do corpo se tornam uma fala falada, e não uma fala falante, sempre cadentes de perderem sua potência de fascinação.

Sendo assim, a pesquisa almejou levar o leitor a ter um olhar mais aprofundado dos efeitos que essas redes sociais digitais podem causar nas suas vidas, o uso já naturalizado desses meios de comunicação, podem levar o sujeito a uma reflexão limitada dos impactos gerados por eles. Nesse sentido, foi mostrado, em partes, o funcionamento dessas redes no que se refere a exibição do corpo, e como esse último é tratado, a ponto de torna-lo um produto de consumo na contemporaneidade, portanto, um objeto. Entender como funciona a visão de corpo na contemporaneidade, principalmente no meio digital, é de grande importância para uma sociedade que já vem adoecendo, devido às cobranças para que se tenha um corpo dentro dos padrões socialmente estabelecidos.

Portanto, o seguinte trabalho visa ampliar a visão do sujeito que está constantemente em contato com as redes sociais digitais, e por estar sempre diante das imagens perfeitas, não reflete sobre o que pode estar por trás de toda aquela perfeição, e o quanto custa caro sustentar a busca por uma beleza inalcançável. Nesse sentido, é fundamental apontar para um impacto negativo na forma que o sujeito percebe a si mesmo quando se compara com uma imagem que só existe no mundo digital, sentindo-se incapaz e insuficiente para alcançar aquele padrão. Logo, é necessário que se traga a luz que, todas essas imagens colocam o corpo numa posição de objeto de consumo, e por isso precisam ser perfeitas, mas que essa perfeição não precisa ser trazida para o cotidiano das pessoas, uma vez que, ela só existe nas redes sociais digitais, e é apenas um instrumento da indústria de consumo para que as pessoas consumam cada vez mais por se sentirem insatisfeitas consigo mesmas.

Dessa forma, é importante uma maior conscientização dos usuários das redes sociais digitais, e a difusão do conhecimento acerca de todo o contexto em que o corpo é colocado nelas, uma vez que, a alienação desses sujeitos é um fator que os tem levado à desenvolver transtornos ligados a distorção da própria imagem, logo, a informação é primordial para que haja um senso crítico quanto ao que é exibido nessas plataformas digitais, e assim, o leque de possibilidades e percepções acerca de si, pode ser expandido. Portanto, novos sentidos podem ser dados a forma que o sujeito percebe o seu corpo, respeitando as suas limitações de saúde física e mental, em detrimento da estética e do consumo que se prende a um padrão.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. P.; ALVES, S.; MOTA, A.; LEIRÓS, V. **Cultura e imagem corporal**. Ed. 5, p. 1-20, 2009.
- ALYRIO, Rovigati Danilo. **Métodos e técnicas de pesquisa em administração**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2009.
- AZEVEDO, Bernardo Montalvão de. O método fenomenológico proposto por Edmund Husserl e o caso escola base. **Direito Público**, São Paulo, v. 8, n. 35, p. 205-222, set./out. 2010.
- BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A. (Orgs.) **A saúde em debate na educação física** – Vol.3. Ilhéus: Editus, 2007. p.77-104.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Antropos, 1991.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008
- BICUDO, M. A. V. **Fenomenologia: confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez. 2000.
- BORIS, G. D. J. B.; CESÍDIO, M. de H. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza**, v. 7, n. 2, p. 451-478, set.2007. Disponível em: < <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1594>>. Acesso em: 22 out. 2020.
- BOUBETA, R, Antonio et al. EUPI-a: Escala de Uso Problemático de Internet em adolescentes. Desarrollo y Validación psicométrica. **Adicciones**, [S.1], v, n. 1, p. 47-63, mar. 2015. ISSN 0214-4840. Disponible em: <<https://adicciones.es/index.php/adicciones/article/view/193>>. Fecha de acceso: 25 nov. 2020.
- BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- CAMINHA, Iraquitán de Oliveira. **O distante-próximo e o próximo-distante: corpo e percepção na filosofia de Merleau-ponty**. João Pessoa: Universitária, 2010.
- CAPALBO, C. **Fenomenologia e ciências humanas**. Londrina (PR): UEL; 1996.
- CARDIM, Leandro Neves. A Ambiguidade na Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia , v. 17, n. 2, p. 227-228, dez. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 set. 2020.
- CESAR, Constança Marcondes. **Intencionalidade e Liberdade em Merleau-Ponty**. In. CAMINHA, Iraquitán de Oliveira. (Org). **Merleau-Ponty em João Pessoa**. João Pessoa: Universitária, 2012.
- COELHO FD, Carvalho PHB, Fortes LS, Paes ST, Ferreira MEC. Insatisfação corporal e influência da mídia em mulheres submetidas à cirurgia plástica. **Rev. Bras. Cir. Plást.** 2015; 30(4): 567-573

- CONTI, Maria Aparecida; FRUTUOSO, Maria Fernanda Petrolí; GAMBARDELLA, Ana Maria Dianezi. Excesso de peso e insatisfação corporal em adolescentes. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 18, n. 4, p. 491-497, Aug. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732005000400005&lng=en&nrm=iso>. Access on 25 Nov. 2020.
- CORDAS, Táki Athanássios. Cirurgia plástica e transtornos alimentares. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 347, Dec. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462005000400023&lng=en&nrm=iso>. Access on 25 Nov. 2020.
- DAMICO, J.G.; MEYER, D.E. **Deixar de comer e/ou fazer exercício? Juventude, cuidados corporais e distúrbios alimentares na perspectiva de gênero.** IN: NOVAES, J.V. **O intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos.** Ed. PUC Rio; Garamond Universitária, 2006.
- DANTAS, Jurema Barros. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 898-912, dez. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812011000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 out. 2020.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo.** 1 ed. São Paulo: Projeto Periferia, 2003.
- FALABRETTI, Ericson Sávio. A presença do Outro: inter-subjetividade no pensamento de Descartes e de Merleau-Ponty. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 22, n. 31, p. 515-541, jul/dez. 2010.
- FERREIRA, Luciana da Silva Mendes. Entre a Fenomenologia e a Hermenêutica: uma perspectiva em psicoterapia. **Rev. abordagem gestalt., Goiânia**, v. 15, n. 2, p. 143-148, dez. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 ago. 2020.
- FIGUEIREDO, Jadismar de lima. **Corpo próprio, espacialidade e mundo percebido em Merleau-Ponty.** 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.
- FROIS, Erica; MOREIRA, Jacqueline; STENGEL, Márcia. Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 71-77, Mar. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000100009&lng=en&nrm=iso>. Access on 25 Nov. 2020.
- FURLAN, Reinaldo; BOCCHI, Josiane Cristina. O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 8, n. 3, p. 445-450, Dec. 2003. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000300011&lng=en&nrm=iso>. Access on 25 Nov. 2020.
- GENUINO, Simone. **Entre Filtros e Hashtags: Instagram, O Novo Espelho de Narciso.** Monografia (Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda) – Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró, p. 52. 2013

GILES, T. **Crítica fenomenológica da psicologia experimental em Merleau-Ponty**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1979, p. 260

GOLDENBERG, Mirian et al. (Org.). **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOMES, Annatália Meneses de Amorim et al. Fenomenologia, humanização e promoção da saúde: uma proposta de articulação. **Saude soc.**, São Paulo , v. 17, n. 1, p. 143-152, Mar. 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000100013&lng=en&nrm=iso>. Access on 24 Aug. 2020.

GOSCIOLA, Vicente. **Roteiro para as novas mídias. Do cinema às mídias interativas**. São Paulo: Senac, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOLANDA, Adriano. Fenomenologia, psicoterapia e psicologia humanista. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 14, n. 2, p. 33-46, Aug. 1997. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X1997000200004&lng=en&nrm=iso>. Access on 24 Nov. 2020

HUSSERL, Edmund. **Ideias Diretrizes para uma Fenomenologia**. Tradução: P. Ricoeur. Paris: Gallimard. 1950

LAPORTE, A. M. A.; VOLPE, N. V. **Existencialismo: uma reflexão antropológica e política a partir de Heidegger e Sartre**. Curitiba: Juruá, 2009.

LEMOS, Vinícius. 'Exibir corpo perfeito se tornou angústia na minha vida': o desabafo de uma digital influencer brasileira. São Paulo. 12 de ago. de 2020. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-53746792>>. Acesso em: 26 de Out. de 2020.

LESSA, Patrícia. **Mulheres à venda: uma leitura do discurso publicitário nos outdoors**. Londrina: Eduel, 2005.

LHERMITTE, J. **L'image de notre corps**. Paris: L'Harmattan, 1998. (Trabalho original publicado em 1939).

LIMA, ABM., org. A relação sujeito e mundo na fenomenologia de Merleau-Ponty. In: **Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty** [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2014, pp. 77-102. ISBN 978-85-7455-444-0. Available from SciELO Books .

LIMA, Beatriz Furtado. Alguns apontamentos sobre a origem das psicoterapias fenomenológico-existenciais. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia , v. 14, n. 1, p. 28-38, jun. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 ago. 2020.

LYOTARD, JF. **A fenomenologia**. Rio de Janeiro (RJ): Edições 70; 1999.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Massachusetts: MIT Press, 2001.

MANZI FILHO, R. **Quando os corpos se invadem: Merleau-Ponty às voltas com a psicanálise**. 2012. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, pp. 89-90.

- MAROUN, Kalyla; VIEIRA, Valdo. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 171-186, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682008000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 19 out. 2020.
- MARQUES, P. P. FENOMENOLOGIA E FENÔMENO EM MAURICE MERLEAU-PONTY. **Sapere Aude**, v. 6, n. 12, p. 832, 5 jan. 2016.
- MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poésis**. São Paulo: Cortez, 1992.
- MASINI, E. F. S. **Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação**. In: FAZENDA, I. (Ed.) **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo : Cortez, 1989.
- MERIGHI, M. A. B. **Fenomenologia**. In: MERIGHI, M. A. B.; PRAÇA, N. S. (Org.). **Abordagens teórico-metodológicas qualitativas: a vivência da mulher no puerpério reprodutivo**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. p. 25-32.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção** (C. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. 1994. (Texto original publicado em 1945).
- MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível** (A. Gianotti, & A. Mora, Trad.). São Paulo: Perspectiva. 1992. (Texto original publicado em 1964)
- MINERBO, M., KHOURI, M.G., AJZENBERG, R., GRUNBERG, S. Beleza feminina: um tema da clínica contemporânea. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.31, n.3, p.809, 1997.
- MOREIRA, Virginia. O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 447-456, 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722004000300016&lng=en&nrm=iso>. Access on 24 Aug. 2020.
- NIE, N.H. e LUTZ,E. **Internet and Society: A Preliminary Report.**: Stanford Institute for the Quantitative Study Of Society, 2000.
- NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 13, n. 2, p. 141-148, Aug. 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2008000200006&lng=en&nrm=iso>. Access on 31 Aug. 2020.
- O Dilema das Redes (The Social Dilemma). Direção de Jeff Orlowski. Estados Unidos: Exposure Labs, 2020. Netflix (89 minutos).
- PAIM, M. C. C. & STREY, M. N. (2004). Corpos em metamorphose: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpos na actualidade. [versão online]. **Revista Digital Buenos Aires**, 79. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd133/cultura-de-tempo-livre-do-trabalhador.htm>> Acesso em 20 de novembro, 2020.
- PERDIGÃO, P. **Existência e liberdade: Uma introdução à filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

- PERIUS, Cristiano. A definição da fenomenologia: Merleau-Ponty leitor de Husserl. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 35, n. 1, p. 137-146, Apr. 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732012000100009&lng=en&nrm=iso>. Access on 16 Nov. 2020.
- PINTO, L. M. S. de Magalhães. Artimanhas do corpo diante do espelho. **Revista brasileira de ciências do esporte**. Campinas, v. 12, n. 3, p. 294- 296, jan./jun. 1992.
- PINTO, M.; PEREIRA, S.; PEREIRA, P. **Internet e Redes Sociais – Tudo Que Vem à Rede é Peixe?** ed. São Paulo: Editora Edumedia, 2011.
- PIVA, J **Satisfação com a imagem corporal de mulheres que frequentam academias de ginástica no município de Jataí GO**. Jataí: UFG, 2014. Trabalho de Final de Curso (Bacharelado em Educação Física) –Regional Jataí, Universidade Federal de Goiás, 2013.
- PIZA, M. V. **O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica**. 2012. Monografia (Bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Sociologia) Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/3243/1/2012_MarianaVassalloPiza.pdf>. Acesso em: 22 out. 2020.
- RECUERO, R. Estratégias de Personalização e Sites de Redes Sociais: Estudo de caso e apropriação do Fotolog.com. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v.5, n.12, 2008.
- RODRIGUES, J. C. **O tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé.1983
- ROXO, R. S.; TASSIRO, E. B.; FURIANI, J. R.; SANTO, V. P.; OLIVEIRA, M. A. **A Corpo e Saúde: A influência da mídia e suas consequências em praticantes de atividade física**, 2017.
- SANTOS, Lionês Araújo dos; MEDEIROS, Juan Felipe Sanchez. **A mercantilização do corpo: mídia e capitalismo como principais agentes da promoção do consumo e do mercado**. Espaço Plural, n. 24, 2011.
- SANTOS, R. dos. A resignificação da percepção e a intersubjetividade em Merleau-Ponty. Griot : **Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 196-2012, 2015. DOI: 10.31977/grirfi.v12i2.660. Disponível em: <<https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/660>>. Acesso em: 7 out. 2020.
- SAVERGNINI, E., RICARDO, T.G. “... E Deus criou a mulher”: **O mercado da estética e modelagem corporal (re)construindo a beleza, o corpo e a subjetividade feminina**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ed, física) – Universidade Federal do Espírito Santo. Espírito Santo, p. 19. 2013
- SCHMIDT, M. L. S. **A experiência de psicólogas na comunicação de massa**. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, SP. 1990
- SCHNEIDER, P. Merleau-Ponty: **A Experiência do Corpo como Ser Sexuado**. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2010, p. 70.

SIBILIA, PAULA. (2016). **O show do Eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto.

SILVA AFS; Neves LS; Japur CC; Penaforte TR; Penaforte FRO. Construção imagético-discursiva da beleza corporal em mídias sociais – repercussões na percepção sobre o corpo e o comer dos seguidores. **Demetra: Alimentação, Nutrição e Saúde**. 2018. 13(2): 395-411. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/33305>>. Acesso em 16 nov. 2020.

SILVA, A. B. B. **Mentes insaciáveis**: anorexia, bulimia e compulsão alimentar, 2ª ed. São Paulo, 2005.

SILVA, A. V. da; PINTO, F. S.; SILVA, M. L. B. da.; TEIXEIRA, J. F. A influência do Instagram no cotidiano: possíveis impactos do aplicativo em seus usuários. Intercom – **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. São Luís: [s. n.], mai-jun. 2019. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0490-1.pdf>> Acesso em: 22 out. 2020.

SILVA, A.; FERREIRA, M. Gestão do conhecimento e capital social: as redes e sua importância para as empresas. **Informação & Informação**. Londrina, v. 12, n. esp., 2007.

SILVA, Jovânia Marques de Oliveira e; LOPES, Regina Lúcia Mendonça; DINIZ, Normélia Maria Freire. Fenomenologia. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 61, n. 2, p. 254-257, Abr. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672008000200018&lng=en&nrm=iso> Acesso em 21 Ago. 2020.

SOARES, Carmen Lúcia. (Org). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001.

SOMBRA, J. C. **A subjetividade corpórea**: a naturalização da subjetividade na filosofia de Merleau-Ponty. São Paulo: Unesp. 2006

SOUZA, G. de; FREITAS, T. G. de; BIAGI, C. R. A relação das mídias sociais na construção da autoimagem na contemporaneidade. **Akrópolis** Umuarama, v. 25, n. 2, p. 117-128, jun./dez. 2017.

TEVES, N. (2002, novembro). A Imagem Corporal como fator de ressocialização de meninos de rua. *Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto de Países de Língua Portuguesa. Anais...* São Luiz, MA, Brasil.

TRINCA, T.P. Moda e Reificação: a supremacia da aparência na sociedade do consumo. In: ANAIS DO COLÓQUIO MARX E ENGELS, 4, 2005, Campinas: Anais eletrônico... Campinas: 2005. Comunicações. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT3/gt3m3c7.pdf>> Acesso em: 05 mar. 2020.

VEGGI, A. B., LOPES, C. S., FAERSTEIN, E., SICHIERI, R. Índice de massa corporal, percepção do peso e transtornos mentais comuns entre funcionários de uma universidade no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 26, n. 4, 2004

VERISSIMO, Danilo Saretta. A noção de esquema corporal na filosofia de Merleau-Ponty: análises em torno da Fenomenologia da percepção. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio

de Janeiro , v. 12, n. 1, p. 205-225, abr. 2012 . Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 09 set. 2020.

VIEIRA JUNIOR, Cezar Augusto; ARDANS-BONIFACINO, Hector Omar; ROSO, Adriane. A construção do sujeito na perspectiva de Jean-Paul Sartre. **Rev. Subj., Fortaleza**, v. 16, n. 1, p. 119-130, abr. 2016 . Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 nov. 2020.

VIGARELLO, G. (2006). História da beleza: **O corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje**. (L. Schlafman, Trad.). Rio de Janeiro: Ediouro.

WARMLING, D. L. **O corpo e as três dimensões da sexualidade na fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty**. Cadernos do PET Filosofia, 7(13), 53-73, 2016.

WOLF, N. **O Mito da Beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ZILES, Urbano. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia , v. 13, n. 2, p. 216-221, dez. 2007 . Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 ago. 2020.